

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA**

**BRUNA TIOSSI**

**DINÂMICA FAMILIAR E O CRIME DO PARRICÍDIO E MATRICÍDIO:  
ANÁLISE DO LIVRO “EU PIERRE RIVIÈRE QUE DEGOLEI MINHA MÃE,  
MINHA IRMÃ E MEU IRMÃO.”**

**SÃO PAULO**

**2016**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA**

**BRUNA TIOSSI**

**DINÂMICA FAMILIAR E O CRIME DO PARRICÍDIO E MATRICÍDIO:  
ANÁLISE DO LIVRO “EU PIERRE RIVIÈRE QUE DEGOLEI MINHA MÃE,  
MINHA IRMÃ E MEU IRMÃO.”**

**Trabalho de conclusão de curso como  
exigência parcial para graduação no curso  
de psicologia, sob orientação da Prof. Dra.  
Rosa Maria Tosta**

**SÃO PAULO  
2016**

## *Agradecimentos*

Aos meus pais, Lídia Veneziano Tiozzi e Roberto Tiozzi, por terem me dado a oportunidade de estudar em uma universidade qualificada, por acreditarem no meu potencial como estudante e como futura profissional, por me apoiarem e me incentivarem nas minhas decisões, por estarem presentes em todos os momentos da minha vida, por serem um exemplo de dedicação e responsabilidade e pelo amor incondicional que recebo.

Ao Daniel Francisquini, por ter feito com que indiretamente eu quisesse mostrar o melhor de mim nesse trabalho, por ter me incentivado quando pensava que não conseguiria, por acreditar no meu potencial, por me transmitir boas vibrações mesmo que de longe e principalmente por estar comigo nos momentos marcantes da minha vida.

Aos meus amigos de faculdade, por estarem comigo nos momentos mais difíceis da minha vida acadêmica e pelo fato de termos conseguido chegar onde chegamos por apoiarmos uns aos outros.

A minha orientadora, Rosa Maria Tosta, por ter me aceitado como aluna, por ter conseguido me acalmar diante dos meus medos, desesperos e frustrações. Por ser um exemplo de profissional e de pessoa, por ter investido e acreditado no meu potencial como aluna e por fazer parte da minha vida acadêmica, sem ela este trabalho não teria acontecido.

Ao meu parecerista, Hemir Barição, por ter feito eu me interessar mais ainda pela psicanálise, por ter me ajudado em relação as referências bibliográficas e por principalmente ter aceitado ler o meu trabalho, o que pra mim é uma honra.

E a todos aqueles que direta ou indiretamente me apoiaram e acreditaram em mim, obrigada por fazerem parte da minha formação como pessoa e como profissional.

## RESUMO

Sabe-se que casos de parricídio e matricídio ocorrem no Brasil: no período de 2005 a 2011 foram levantados 246 casos de parricídio, 86% deles cometidos por homens, sendo em 55,4% dos casos foi utilizado arma branca. Por ser um crime que toca naquilo que é sagrado para os seres humanos e ir contra a natureza humana, no qual pais devem proteger os seus filhos e os filhos devem ama-los, não é um tipo de crime mostrado e estudado com frequência. O presente estudo surge da necessidade de mostrar que apesar de tais crimes ocorrerem com baixa frequência, devem ser compreendidos e analisados. Parricídio é definido como o homicídio do pai executado por um filho, matricídio é definido como o homicídio da mãe executado por um filho e fratricídio é definido como o homicídio do irmão (ã) executado por um irmão. A partir da literatura que sugere abuso físico, psicológico, de autoridade e negligências como principais motivações para o crime do parricídio e matricídio, este trabalho tem como objetivo investigar em que medida os aspectos factuais, relacionais, inconscientes envolvidos na dinâmica familiar de um parricida e ou matricida estão relacionados ao crime. A partir da perspectiva da psicanálise foi realizada uma análise tendo como ilustração o livro de Michel Foucault “Eu Pierre Rivière que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão.” e através de uma comparação com os casos apresentados na literatura para que assim possa chegar a uma melhor compreensão do crime.

### *Palavras chave*

Parricídio, matricídio, Pierre Rivière, dinâmica familiar, psicanálise.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>2 MÉTODO</b> .....	5
<b>3 TOTEM E TABU</b> .....	6
<b>4 COMPLEXO DE ÉDIPO</b> .....	11
4.1 <i>O Complexo de Édipo em Freud</i> .....	11
4.2 <i>O complexo de Édipo em Lacan</i> .....	13
<b>5 NEUROSE, PSICOSE E PERVERSÃO</b> .....	17
<b>6 TEORIDA GERAL DA CRIMINOLOGIA</b> .....	20
6.1 <i>Noções gerais de estado</i> .....	20
6.2 <i>Escolas Criminais: Clássica e Positiva</i> .....	21
6.3 <i>Crime, loucura e punição</i> .....	23
<b>7 PIERRE RIVIÈRE: CONFRONTO ENTRE O DIREITO E A PSIQUIATRIA</b> .....	26
<b>8 PIERRE RIVIÈRE E A DINÂMICA FAMILIAR</b> .....	31
<b>9 PIERRE RIVIÈRE</b> .....	36
9.1 <i>Pierre Rivière e o crime</i> .....	38
<b>10 ANÁLISE</b> .....	42
<b>11 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	49
<b>12 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	51



## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe-se a estudar a dinâmica familiar do assassino que comete um crime de caráter parricida, matricida. Segundo Gomide,

“O matricídio é definido como o homicídio da mãe executado por um filho(a), o parricídio é definido como o homicídio do pai executado por um filho (a) e o fratricídio é definido como o homicídio do irmão ou irmã executado por um irmão (ã).” (2010, p.219).

No livro de Michel Foucault. “Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão (1973).” é mostrado um caso de matricídio e fratricídio, pois Pierre degola com uma foice sua mãe que estava grávida de aproximadamente sete meses, sua irmã e seu irmão. Como justificativa do crime, alegou que queria livrar seu pai de apuros, de uma mulher má, que o atormentava e o arruinava. Assassinou a sua irmã, pois tomava partido da mãe e o irmão porque amava as duas.

O crime aconteceu na comuna de Aunay, na aldeia chamada La Faucterie. Na cena foram encontrados três cadáveres, uma mulher por volta de quarenta anos, grávida de sete meses, caída em frente à lareira; a cabeça estava banhada de sangue, os ossos fraturados assim como os do rosto, as vertebbras do pescoço estavam quebradas e a cabeça presa ao corpo apenas pelos músculos do lado esquerdo e alguns pedaços de pele. Os outros dois cadáveres, de um menino de aproximadamente sete/oito anos e de uma menina estavam sob as mesmas condições, o que indicou o uso de um instrumento cortante.

Pierre Rivière tinha vinte anos de idade e 1,52m, seus cabelos e suas sobrancelhas eram negros. Era o único suspeito por ter sido visto pelos vizinhos com uma foice coberta de sangue saindo de casa, tinha históricos que o indicavam como suspeito, tais como, matava passarinhos, assustava as crianças e sempre foi considerado como um menino “esquisito” e quieto, pois quase não conversava com ninguém, só ficava rodeado de livros e bíblias.

Assim como no livro de Foucault, na tese de Gomide (2010), “Abuso, negligência e parricídio: um estudo de caso.”, foi realizado um estudo de caso, com um menino de 17 anos, natural do interior do estado do Paraná. Os pais do adolescente separaram-se quando a mãe estava grávida de dois meses. A mãe e o adolescente só tinham convívio próximo com uma tia, os outros familiares

eram vistos apenas esporadicamente. O adolescente alegou ter usado duas vezes LSD e ecstasy. Relatou ser espancado pela mãe a partir dos dois e três anos e por isso passou a dormir com calças cumpridas e cobertas, além disso, o adolescente presenciava o ato sexual de sua mãe com os namorados. O crime aconteceu no banheiro da casa, no qual estavam ele e a sua mãe. Após a sua mãe lhe dar um beijo na boca, ele pegou uma faca que estava no banheiro e a atacou até a raiva acabar.

Dos 32 casos de parricídio e matricídio citados na tese Ferreira (2012) “Violência intrafamiliar e judiciário: Reflexões a cerca do parricídio cometido por mulheres.”, o motivo apresentado para o crime era diverso, tais como interesse financeiro, liberdade para namorar (Caso Suzane Von Richthofen), desejo de morar sozinha na casa, defender a si mesmo e os demais da agressão do padrasto e defesas das ameaças do pai que estava alcoolizado e armado.

Na tese de Pinheiro (2012), “Três casos de parricídio: passagem ao ato em diferentes configurações psicopatológicas.” os crimes foram cometidos por três homens entre 38 anos e 50 anos. Conrado matou a sua mãe, pai e avó após descobrir que era filho da irmã adotiva da mãe. Atílio assassinou seu pai com um tiro diante da ameaça de deserção. E Otto matou a mãe após um encontro amoroso que não aconteceu entre ele e a mulher que gostava. Porém, os três casos tinham em seus históricos violência familiar e arma do crime disponível. Como pode ser visto, esses acontecimentos foram o gatilho para que pudessem cometer o crime.

Diante desses casos, busco compreender como e porque os parricidas e ou matricidas agem, e para isso necessito entender o contexto/dinâmica familiar no qual eles viveram e o que eles vivenciaram. Como pode ser mostrada na fala de Gomide,

“A morte de um pai ou de uma mãe por um filho sinaliza que padrões biológicos fortes, universais e filogenéticos foram rompidos de alguma maneira. Deve-se, portanto, em primeiro momento, buscar fatos e relacionamentos ocorridos ao longo da vida desta família que poderiam ser responsáveis pela quebra de laços afetivos tão bem instalados na história da humanidade.” (2010, p.219).

É de conhecimento geral que casos de parricídios / matricídio acontecem no Brasil, no entanto, é pouco estudado e é de suma importância que mais

trabalhos sejam feitos a respeito, pois assim mais hipóteses serão realizadas sobre o porquê de ocorrer esse tipo de crime. Acredito que seja um assunto pouco estudado, pois envolve a morte de um membro da família, por outro membro da família, podendo ser filho (a) ou irmão (ã). Sabe-se que as motivações superficiais para o crime são variadas, sendo elas: financeiras, uso e abuso de substância química, violência familiar, negligência, abuso sexual e psicológico ou válvula de escape para alguma situação.

Dentro da dinâmica familiar, há a presença de competições, poder, rivalidade e abuso de autoridade, são fatores que culminam na geração de conflitos. Segundo Heide (1994 apud Gomide 2010), no caso dos adolescentes o mau trato infantil é um dos fatores que determinam o crime. Além disso, para Ackmerman (1986 apud Gomide 2010) existe o incesto emocional, ou seja, quando há um abuso emocional por parte dos pais.

O incesto emocional pode ser exemplificado como aqueles pais que usam a criança como se fosse o seu parceiro, ou seja, colocando a criança em uma posição de confidente e assim tendo que tomar uma decisão a respeito do outro, podendo ser a sua mãe ou o seu pai, deixando a criança confusa, sem saber qual papel ela deve exercer, o de filha ou o de companheira. Em estudos de Heide (1994 apud Gomide 2010, p.220),

“Com adolescentes parricidas determinavam a presença de uma ou mais destas formas específicas de abusos ou negligência. O fator mais consistente entre jovens que matam é que eles, via de regra, observaram ou experienciaram violência familiar.”

No presente trabalho focalizarei tanto os aspectos factuais, relacionais, inconscientes na dinâmica familiar que motivaram o crime para o Pierre Rivière e farei uma comparação com os demais casos para encontrar aspectos em comum.

Apesar de existirem aspectos em comum, a análise da dinâmica familiar muda conforme o homicídio ser contra o pai ou a mãe. “A morte do pai, está relacionada com o maltrato físico, já o matricídio, a morte da mãe, está relacionada com uma situação de submissão psicológica e/ou sexual por parte do autor do crime.” (Soares 2013, p. 16).

Além do mais, a análise do romance no complexo de Édipo e o vínculo entre pais e filhos são de suma importância para esse trabalho. Como afirma Roza (1988, apud Barros 2007, p.218),

“O complexo de Édipo permanece no inconsciente, norteando os processos psíquicos, porque, mais do que um conceito ele é um complexo de ideias que, uma vez recalçados passa a funcionar, ao mesmo tempo, como o complexo nuclear de cada neurose e orientador da vida mental em geral.”

Para Freud (1913) como citado no texto “Totem e Tabu”, o crime do parricídio é o crime fundador da cultura. Pois é no complexo de Édipo que se intitula o triângulo amoroso, esse formado por pai- mãe –filho. Ou seja, a criança quer a mãe, a mãe é propriedade do pai, e por isso a criança quer elimina-lo através do parricídio. Num primeiro olhar os casos referidos de parricídio os sujeitos quebram um dos mandamentos do complexo de Édipo, que é: não matarás o seu pai. A partir dessa interdição, cabe a presente pesquisa estudar os aspectos inconscientes da organização psíquica dos indivíduos que cometeram o parricídio.

Neste contexto se configura o objetivo do presente projeto, investigar em que medida os aspectos factuais, relacionais, inconscientes envolvidos na dinâmica familiar de um parricida e ou matricida, estão relacionados ao crime.

## 2 MÉTODO

A pesquisa é um estudo teórico, e foi construída a partir da teoria psicanalítica contendo conceitos da teoria Freudiana e Lacaniana. Os objetos de análise serão referências teóricas que contam casos de parricídio /matricídio e a ilustração principal foi o livro de Michel Foucault “Eu Pierre Rivière que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão.”. Como embasamento teórico da pesquisa é utilizado o Complexo de Édipo, o texto “Totem e Tabu” e o mito do Édipo.

Os dois primeiros capítulos deste trabalho estão relacionados com a teoria Freudiana. No capítulo I será tratado o texto de 1913, Totem e Tabu relacionando-o com o crime do parricídio. No capítulo II haverá uma introdução e resumo sobre o mito grego de Édipo, partindo para a teoria do complexo de Édipo na teoria Freudiana e Lacaniana. O terceiro capítulo é resultado da dissolução do complexo de Édipo, na qual será separado e explicadas as três saídas psíquicas, neurose, perversão e psicose, para que assim possa tentar encontrar elementos que se encaixem na dinâmica psíquica de Pierre Rivière. Como este é um trabalho que utiliza algumas informações do Direito, no capítulo IV é apresentada a teoria geral da criminologia, separando as escolas criminais e as relacionando com o crime do parricídio/matricídio. Partindo para o caso Pierre Rivière serão feitos mais três capítulos, o capítulo V retrata o confronto que ocorreu entre a medicina e a lei para definir a melhor punição e para entender o caso de Pierre. No capítulo VI é retratado a dinâmica familiar do Pierre Rivière e tendo como subcapítulo a sua história e os principais elementos para conhece-lo. Finalizando com uma análise a respeito do crime cometido e da dinâmica psíquica do sujeito protagonista, na qual haverá uma comparação aos demais casos estudados para assim tentar encontrar pontos de convergência.

### 3 TOTEM E TABU E O CRIME DO PARRICÍDIO

Para Freud os Tabus de matar o totem e cometer um incesto nos remetem aos dois crimes originais que são tanto fundador da cultura quanto do psiquismo. É com a lei e com o crime que começa a humanidade. Que pode ser exemplificado pelo mito da horda primitiva.

“Freud supôs que na origem da humanidade e da formação dos laços sociais entre os sujeitos humanos teria existido um bando liderado por um macho dominante, que se arrogava o domínio sobre todas as mulheres do bando. Conseqüentemente, matava, expulsava ou castrava os outros machos – entre estes, seus filhos... Certo dia, estes se rebelaram com a tirania despótica do chefe, estabeleceram uma aliança e o assassinaram, devorando seu cadáver em um ritual antropofágico em que celebraram o laço social recém-criado entre eles. Ergueram um totem figurando o pai assassinado, que passou a representar a proibição de que qualquer um deles viesse a pleitear a ocupação desse lugar de dominância despótica sobre os animais.” (Pacheco, 2014, p.116).

Assim como se percebe na fala de Pacheco, o mito da horda primitiva nos traz a ideia de um totem como representação de um pai que não representa a lei, possuidor de todas as mulheres. E assim como oposição a esse pai que não serviria de exemplo, estava instaurada a lei que regulava as relações sexuais e sociais entre os membros do clã, podendo ser nomeada como Totem e Tabu.

Essa organização social começou com os aborígenes australianos, povo conhecido como sendo os mais selvagens, atrasados e miseráveis, viviam da carne dos animais que caçavam e das raízes que arrancavam, no entanto, havia uma regra, jamais comeriam ou destruiriam o totem no qual era um animal que mantinha uma relação com todo o clã. E esse caráter totêmico era inerente a todos os indivíduos de uma determinada classe. Essa relação entre o aborígine e seu totem sobrepõe à filiação tribal e as relações consanguíneas. Totem é a base de uma organização social, ou seja, através dele são impostas normas, leis e regras. Segundo Freud,

“Entre os australianos, o lugar das instituições religiosas e sociais que eles não têm é ocupado pelo sistema do ‘totemismo’.” (Freud, 1913-1914, volume XIII, p.07)

O totemismo presente naquela época é o que hoje denominamos religião, ou seja, em uma sociedade Totêmica, são instauradas leis e normas que devem ser seguidas por todos os membros do clã, se caso algum membro não respeitar essa lei ou essa norma, sofrerá um castigo, pagará com a morte. Esse modo de funcionamento está presente atualmente para os seguidores das religiões, se não seguirem aquelas normas que forem passadas, sofrerão um castigo do pai (Deus), ou seja, é um pai (Deus) idealizado que castiga o filho quando desobedecido e que o protege quando obedecido, ambas as formas de instalações de laços sociais evitam e esconjuram relações incestuosas.

O totem é uma lei contra relações sexuais entre pessoas do mesmo clã e conseqüentemente contra o seu casamento. Na Austrália, por exemplo, a penalidade comum para as relações sexuais com uma pessoa do clã proibido é a morte, já na tribo Ta-ta-hi, o homem é morto e a mulher é espancada ou perfurada por lanças. O que também acontece atualmente, pessoas que cometem esse tipo de crime, também são excluídas da sociedade e muitas vezes são mortas por "justiceiros". Essa lei, esse totem contra as relações sexuais entre pessoas do mesmo clã regem a nossa sociedade atual, pois segundo Freud

"A identificação simpática da mãe com a filha pode facilmente ir tão longe que ela própria se apaixone pelo homem que a filha ama, e em exemplos extremos, isto pode levar a formas graves de doença neurótica, como resultados das violentas lutas mentais contra esta situação emocional... E muitas vezes os componentes cruéis e sádicos do seu amor são dirigidos para o genro, a fim de que os afetuosos e proibidos possam ser mais severamente reprimidos." (Freud, 1913-1914, volume XIII, p.14)

Os impulsos que regem a relação do genro com a sogra são similares, pois os primeiros objetos de amor do homem é a mãe e a irmã, mas por causa da barreira do incesto (lei do totem) desvia para outra mulher. Ou seja, o homem procura mulher similar à mãe/irmã por fruto da castração, mecanismo inconsciente.

"O Édipo é o cenário propício para falar de desejo e amor porque, se por um lado a castração é entendida como um limite imposto à onipotência do desejo, interditando o idílio incestuoso, por outro lado ela não impede que a impossível fusão amorosa absoluta seja buscada, porque na ausência do objeto amoroso primordial, a mãe, o sujeito procura preencher a lacuna por diversas representações deste objeto, obtendo através de satisfações substitutivas, uma aproximação parcial de sua meta." (Barros, 2007, p.23)

Porém, no caso de parentesco de sangue, ou seja, pertencente ao mesmo clã, a ideia do incesto é imediata e a intenção de preveni-lo pode ser consciente, é barrado socialmente. Já na relação sogra e genro, a possibilidade de incesto é uma fantasia mobilizada pelo inconsciente.

Ambas as relações citadas acima são dominadas por desejos incestuosos, que além de serem barrados pela consciência também são barrados pela sociedade, ambos desviam seus desejos para sujeitos com quem possam se relacionar perante a sociedade. Pois se caso essa norma não for respeitada ou se o incesto for cometido, serão extintos da sociedade.

Assim como o Totem, o tabu também é a base da organização social, totem e tabu estão juntos, um não faz sentido sem o outro. O tabu é algo consagrado, sagrado, misterioso, perigoso. Juntos, totem e tabu formam a lei de não matar o animal totêmico, que no caso seria o pai ou a mãe e evitar relações sexuais com membros do clã totêmico do sexo oposto, sendo a base do tabu uma ação proibida, para cuja realização existe uma forte inclinação do inconsciente, uma satisfação do desejo.

Como se pode perceber, as culturas se formaram através desses tabus, que são eles, não matar o totem (parricídio) e o incesto, ambas remetem as duas interdições do complexo de Édipo, não matarás o seu pai e não dormirás com a sua mãe. Sendo o crime do parricídio, o crime da eliminação daquele com quem divido meu objeto de amor a realização dessa fantasia infantil que deveria ter cessado na solução do complexo de Édipo juntamente com a formação do superego.

Pois é no Édipo que acontece a relação do desejo com a mãe e a lei instaurada pelo pai. Espera-se que no pós Complexo de Édipo a criança passe do mundo imaginário, ou seja, no qual ela é auto-centrada na relação com a mãe, para o mundo simbólico e da cultura, ambos determinado pela lei simbolizada pelo pai e essa aceitação da relação da mãe com o pai insere a criança no mundo social.

O crime do parricídio é o crime primeiro fundador da cultura e o mais abominável pelo homem, sendo a principal fonte de culpa do homem, no qual, totem seria o pai, aquela figura que merece respeito e devoção, já o tabu, seria o crime do parricídio, tirar a vida daquele a quem se devia respeito ou devoção, algo que não deve ser questionado na sociedade. Mostra-se com isso, que o crime do parricídio ronda todas as sociedades, desde os aborígenes australianos até os dias atuais.

O tabu e a repulsa social a respeito do crime do parricídio se formam não pelo fato de ser um crime e sim por quem são as suas vítimas, no caso, os pais, o que também modifica a forma de punição.

Concomitante a criação do texto Totem e Tabu, Freud estudava as histerias, pois percebeu que a base da constituição humana estaria relacionada com Totem e Tabu e conseqüentemente com as suas proibições, ou seja, a partir do desejo parricida. Segundo Laplanche (1998) “a fantasia histórica é um roteiro imaginário que busca a realização de um desejo.” Já que o desejo não é aceito socialmente, a histórica o recalca, alucinando e transformando o seu desejo em sintoma.

”Essas aparições amorosas despertam afetos dolorosos porque constituem representações incompatíveis com o eu moral.” (Lejarraga 2002 apud Barros, 2007, p.52).

O afeto doloroso e recalçado pode ser retratado no caso clínico de Katharina, uma jovem de aproximadamente dezoito anos, que via um rosto masculino assustador durante as suas crises históricas, a análise feita por Freud, apontou na aparição daquele rosto a associação com a figura do tio, na verdade seu pai. Os vômitos (sintomas corporais duradouros) de Katharina simbolizavam a representação recalçada, a repulsa que a lembrança da cena em que o pai tentou seduzi-la lhe provocou.

Essa ocorrência de experiências sexuais precoces na infância como origem dos distúrbios psíquicos que envolve as figuras dos pais como participantes, é denominada para Freud como “teoria da sedução”. Percebe-se

que as crises histéricas são como uma autopunição por um desejo de morte a um pai odiado, pois afetam o sujeito de maneira traumática, quando o aparelho psíquico da criança não está preparado para uma investida de teor sexual e a única maneira de lidar com a sedução sofrida é recalçando e transformando-a em sintoma, os chamados sintomas histéricos.

Além do caso clínico de Katharina, podemos citar também o caso de Dostoiévski. Dostoiévski perdeu a mãe aos 16 anos de idade e seu pai foi assassinado pelos próprios camponeses. Após a morte do pai, Dostoiévski desenvolve epilepsia, sendo interpretada por Freud como uma crise histérica de autopunição pelo desejo de morte do pai, além disso é no ataque epilético que ele consegue ter um gozo (prazer no desprazer da satisfação pulsional) com identificação com o pai morto, trazendo-lhe um sofrimento, um sentimento de culpa. (Motta, 1995).

Ambos os textos de Freud, Totem e Tabu (1913) e Dostoiévski (1928), possibilitaram a colocação do parricídio na gênese do ataque histérico e como crime fundador da cultura. Ora esses ataques histéricos ocorriam como fruto de uma investida sexual de um pai em relação a filha, ora acontecia como um fantasia da filha em relação ao pai, ou seja, como fruto de um romance familiar. Ou seja, o desejo pelo pai é recalçado e reaparece em forma de sintoma.

Com essas descobertas Freud desenvolve a segunda tópica, formada agora por id, ego e superego e não mais por consciente, pré-consciente e inconsciente e desenvolve a teoria das pulsões, na qual é dada uma noção de destrutividade, pois segundo Freud,

“O parricídio não se reduz, aí, ao Édipo, ele é também a expressão da pulsão de morte, da vicissitude que leva o ser humano a buscar algo do qual não tem qualquer representação – a própria morte.” (Coelho, 2011).

Pulsão de morte e pulsão de vida são fontes de conflito para o ser humano. Na pulsão de vida há um investimento da libido em um objeto. Já na pulsão de morte há um desinvestimento do objeto. Além da pulsão de morte pode-se vincular a quebra do tabu (parricídio) com a psicose, pois essa manifestação da pulsão de morte é cometida pelos psicóticos como um ataque aos elos de vinculação (pai e mãe).

Na psicose não é cometido parricídio no simbólico, já há uma passagem ao ato, ou seja, não houve uma elaboração. É uma passagem ao ato, pois além de não ter a entrada do terceiro como elemento de castração, como se mostra em Totem e tabu, a criança também continua se vendo como uma extensão da mãe.

Como pode-se ver, Totem e Tabu continua regendo a nossa sociedade inconscientemente, mesmo que muitas pessoas não conheçam o seu significado ou o seu mito, são regidas por suas leis e tem seu comportamento moldado por suas normas. Atualmente como já foi citado acima, o Totemismo é passado através das religiões, tendo a mesma importância que tinha na época dos

aborígenes. No entanto, algumas pessoas não cumprem essas leis e cabe ao presente estudo refletir como essas leis são quebradas por alguns indivíduos denominados como parricidas.

## 4 COMPLEXO DE ÉDIPO

Laio, rei da cidade de Tebas e marido de Jocasta foi advertido pelo Oráculo de que não poderia gerar filhos e se esse mandamento fosse desobedecido o mesmo seria morto pelo próprio filho que se casaria com a mãe. O rei de Tebas não acreditou e teve um filho com Jocasta, depois se arrependeu do que havia feito e abandonou na montanha como os tornozelos furados para que morresse. A criança não morreu e foi encontrado por alguns pastores que o levaram a Polibo, o rei de Corinto o criou como filho legítimo. Já adulto Édipo também foi consultar o Oráculo, o Oráculo lhe disse que o seu destino era matar o seu pai e casar-se com a sua mãe, por isso deveria evitar sua pátria. Por desconhecer suas origens, Édipo decidiu partir rumo a Tebas.

Durante o caminho e no meio de uma encruzilhada deparou-se com um velho com o qual manteve uma discussão resultando na morte desse velho. Chegando a Tebas, Édipo decifrou a Esfinge e por isso foi nomeado Rei e como “prêmio” ganhou Jocasta. Casaram-se e tiveram quatro filhos, duas meninas e dois meninos. Depois disso uma violenta peste atingiu a cidade e Édipo foi consultar novamente o Oráculo, respondendo que a peste só teria fim se o assassino de Laio fosse castigado. Por querer descobrir quem era o assassino de Laio, Édipo descobre que foi ele quem matou Laio (seu pai) e que se casou com a sua mãe. Ao dar-se conta dos crimes que havia cometido, Édipo furou os olhos com as joias de sua mãe e condenou-se a vagar cego e sem destino.

O mito do rei Édipo é um mito clássico na história da filosofia e posteriormente no século XIX foi utilizado por Freud para falar do amor dos filhos para com seus pais durante a infância. Segundo Laplanche e Pontalis o complexo de Édipo pode ser caracterizado como,

“Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob sua forma positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édipo- rei: desejo da morte do rival que é o personagem do mesmo sexo e desejo sexual pelo personagem do sexo oposto. Sob sua forma negativa, apresenta-se de modo inverso: amor pelo progênito do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto.”

O Édipo diz respeito a considerar o genitor do sexo oposto ao da criança como objeto de amor e sentimento de hostilidade em relação ao genitor do mesmo sexo. Em sua forma negativa, a criança tem como objeto de amor o genitor do mesmo sexo e a atitude hostil é dirigida a pessoa do sexo oposto.

### 4.1 O Complexo de Édipo em Freud

Segundo Freud (Conferência XXXIII, feminilidade, 1931) A ciência anatômica compartilha a ideia de que o produto sexual masculino, o espermatozóide, e seu veículo são masculinos e o óvulo e o organismo que o

abriga são femininos. Parte do aparelho sexual masculino também aparece no corpo da mulher, ainda que em estado atrofiado, e vice-versa. Considera tais ocorrências como indicações de bissexualidade, como se um indivíduo não fosse homem ou mulher, mas sempre fosse ambos simplesmente um pouco mais de um, do que do outro.

Existem três fases importantes para a criança as fezes (fase anal), o pênis (fase fálica) e o bebê. É na fase fálica que a urina e as fezes são as primeiras dádivas que as crianças dão a quem cuida delas, e controlá-las é a primeira concessão a que pode ser induzida a vida instintual das crianças. Na fase fálica a criança só reconhece um órgão genital, o pênis, classificando os seres humanos em castrados e não castrados. É através do bebê que a criança descobre a diferença entre os sexos, e a inveja do pênis impulsiona a menina para o desenvolvimento da feminilidade, a libido se desvia para uma nova posição, desejo do pênis é substituído pelo desejo ao bebê, tornando o pai como objeto de amor, a mãe como objeto de ciúme e a menina em uma pequena mulher, ou seja, o bebê serve para investigar a sua própria origem. A vida sexual é dominada pela polaridade masculino-feminino, ou seja, existe apenas uma libido, que tanto serve às funções masculinas, como às femininas.

Ambos os sexos parecem atravessar da mesma maneira as fases iniciais do desenvolvimento libidinal. Nos meninos, essa fase é marcada pelo fato de que aprenderam a obter sensações prazerosas do seu pequeno pênis, e relacionam seu estado de excitação as suas ideias de relação sexual. As meninas fazem o mesmo com o clitóris, que está presente na fase fálica como principal zona erógena. Tanto para o menino quanto para a menina, a mãe é o primeiro objeto de amor, no entanto o menino tende a permanecer nesse objeto de amor durante a formação do complexo de Édipo e por toda a vida dele.

O menino se apaixona pela mãe e vê o pai como uma restrição. Retira-se do amor pela mãe e por isso tem perda narcísica, fantasiando a perda do pênis (perda do acesso à mãe). O medo de ser castrado e o medo de perder aquele objeto que vai levá-lo para o mesmo lugar que o pai, faz com que o menino recue na relação com a mãe. O menino sai do complexo de Édipo pelo medo da castração. Sob a impressão do perigo de perder o pênis, o complexo de Édipo é abandonado, reprimido e, na maioria dos casos, é inteiramente destruído, e por isso um severo superego instala-se como seu herdeiro.

Com o encerramento do Complexo de Édipo é interiorizado a proibição do incesto e a mãe se torna um objeto proibido, há uma perda de objeto. No caso de Pierre, por ver a mãe (Victoire) como objeto de amor, objeto esse que é proibido e por ser proibido torna-se perdido, como Pierre já havia perdido esse objeto por não poder possuí-lo acaba a matando. Ou seja, Pierre pode ter partido do pressuposto consciente que se ele não pode ter o amor que deseja, ninguém mais poderá tê-lo.

A menina no primeiro momento se apaixona pela mãe e pelo fato da mãe ser castrada, por não ser completa, ou seja, por não ter o pênis, volta-se amorosamente para o pai, aparecendo assim a relação a três. A partir daí a

menina se apaixona pelo pai e vê a mãe como um obstáculo para essa relação. A menina substitui o pênis do pai pelo bebê, porque ela sabe que foi a união dos dois que o trouxe o bebê, no qual ela deposita grande valor narcísico. A menina sai do complexo de Édipo por perceber que o pai não pode dar um bebê, é a partir desse momento que acontece a dissolução do complexo de Édipo na menina.

A diferença entre o Complexo de Édipo na menina e no menino está no fato de o menino sair da relação dual para evitar a castração, já a saída da menina ocorre pelo fato dela descobrir ser castrada (não ter o pênis) e invejá-lo. Além disso, para a menina existem três saídas possíveis diante do complexo de castração, sendo elas, neurose ou inibição sexual, complexo de masculinidade e a feminilidade.

O apogeu e o conflito edipiano ocorrem durante o período fálico, entre os três e os cinco anos, no qual a criança só reconhece um órgão genital, o pênis. Já o período de declínio ocorre no período de latência, no qual a energia libidinal está investida em outro objeto e não no próprio corpo. Retornando no período da puberdade, no qual implica em um novo tipo de escolha objetual.

Segundo Freud (Conferência XIX, A dissolução do Complexo de Édipo, 1924) a dissolução do complexo de Édipo ocorre através de duas hipóteses, a primeira chamada de ontogenética, indica que as constantes frustrações na busca pelo amor incondicional de sua mãe levariam a criança a “voltar as costas” ao seu desejo, negação. E a segunda hipótese chamada de filogenética, indica que o Édipo chegaria ao fim por ter chegado a sua hora.

#### 4.2 O complexo de Édipo em Lacan

Lacan faz uma nova leitura do Édipo Freudiano, situando-o no campo da linguagem e dos significantes.

“O sujeito, ao ser inserido no discurso dos pais já está na linguagem, pois estes são os que perpassam e transmitem a seus filhos os significantes de duas histórias familiares e que vão fundar o sujeito.” (Pizzuti, 2012, p.26).

Ou seja, esse filho é nomeado pela mãe antes mesmo de este nascer, a partir de seu desejo. A estruturação psíquica do bebê só se dá ao ser inscrito pela linguagem e pelo desejo da mãe.<sup>1</sup>

Pierre foi planejado com o intuito de livrar seu pai do alistamento militar e foi nomeado inconscientemente como aquele que livra o seu pai (Rivière) das coisas ruins, primeiro foi o alistamento militar, depois o livrou de Victoire, aquela que lhe incomodava e o fazia mal.

---

<sup>1</sup> Anotações feitas em aula na eletiva teórica sobre Psicose do 8º semestre de psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, ministradas pelo professor Hemir Barião.

É no estágio de espelho que a criança aos poucos diferencia seu corpo da imagem refletida no espelho e de conseguir unificar o seu eu ao espaço.

“Isto acontece a partir do momento em que o sujeito compreende simbolicamente o espaço imaginário em que sua unidade corporal é constituída” (Pereira & Ornellas, 1998 apud Pacheco, 2009, p.59).

Essa compreensão simbólica da capacidade corporal é constituída em três etapas, na primeira a criança se confunde com o outro devido a relação que mantém com sua mãe; na segunda a criança descobre que esse outro no espelho não é real, é uma imagem; na terceira a criança reconhece que o reflexo no espelho é uma imagem e que se trata da própria imagem, ou seja, há um reconhecimento, e com isso há a entrada no Édipo e há o desenvolvimento de uma noção como sujeito.

“Quando de seu nascimento, a criança estabelece uma relação de dependência com a pessoa que cuida dela. Geralmente é a mãe quem exerce essa função, suprimindo as carências da criança tanto no plano biológico quanto no plano imaginário. O ato de satisfazer as necessidades físicas da criança é feita pela mãe segundo um código simbólico que determina essa relação entre demanda e desejo. Deste modo, a mãe ocupa a função de Outro provendo a criança alimento, amor e palavras, e é através dessa mediação que ocorrerá o acesso ao campo do simbólico.” (Pereira & Ornellas, 1998 apud Pacheco, 2009, p.59).

As crianças passam por várias separações ao longo da vida, as primeiras acontecem no período Pré-Édipo de organização sexual, quando o bebê nasce se separa da mãe através da placenta, depois com mais ou menos um ano de idade tende a separar do seio da mãe, separação do desejo erótico. Aos dois a criança entra na fase das fezes, no qual o bebê escolhe a hora que quer a mãe perto dele, ou seja, as fezes são um modo de controlar a mãe. Aos cinco anos entra na fase fálica, criação da crença de que todos têm um falo. Após esse período, a criança entra no período Edípico, período de organização Edípica. No período fálico aos cinco anos a criança continua crendo que todos têm um falo.

Entre os três e cinco anos a criança resignifica todos os objetos de castração e ganha o objeto de perda, acontecendo então a dissolução do Complexo de Édipo. Aos nove anos acontece o período de latência, no qual há uma diminuição da atividade sexual. Aos doze anos a criança entra na adolescência, no qual há um retorno das pulsões e aos dezoito entra na fase adulta, onde há um começo das relações a partir das fantasias.

Para Lacan existem três “tipos” de pai, o pai real, imaginário e simbólico. O pai real é o pai da realidade, aquele que está presente no primeiro momento do Édipo; o pai simbólico presente no segundo momento do Édipo, é aquele pai no qual a mãe se dirige na relação sexual, é o homem que a mãe procura, é aquele que entra como terceiro para mostrar a falta que a mãe tem. O pai imaginário é o sujeito absoluto, aquele que tem o atributo fálico propiciador da possibilidade de ter tudo o que deseja.

Segundo Lacan em “O Pai real, o Pai imaginário e o pai simbólico: a função do pai na dialética Edipiana” o pai não é um objeto real, o pai é um significante que substituiu outro significante. E é este o motor, e único motor essencial do pai enquanto interventor do complexo de Édipo. Antes da entrada do terceiro, a criança é um objeto de identificação narcísica com a falta da mãe e a criança é aquela que preenche essa falta.

“A criança está, com efeito, cativa num certo modo de relação estranha com a mãe, diante da qual o pai, como Pai real é estranho. Deste resto, esta relação é chamada de relação fusional.” (Dor, 1991 apud Castro, 2010, p.29).

Essa relação fusional entre mãe e filho resulta essencialmente do fato de que o filho se constitui como o único objeto que pode satisfazer a mãe. Há no complexo de Édipo três momentos, em um primeiro momento o sujeito se identifica especularmente com aquilo que é objeto do desejo de sua mãe, o falo; no segundo momento há a entrada no nome-do-pai, ou seja, é o momento em que o pai se faz como proibidor, esse pai aparece mediado no discurso da mãe. No terceiro momento há a entrada do pai simbólico, sendo ele um significante que substituiu outro significante, o significante materno e agora o passa a ter o falo.

“O menino se inscreve na lógica identificatória a partir do momento em que renuncia a ser o falo e engaja-se na dialética do ter, identificando-se com o pai que é o suposto ter. A menina se identifica com a mãe, deparando-se com a dialética do ter a partir do não ter. Com a mãe, ela não tem, mas sabe onde encontra-lo.” (Pacheco, 2009, p.63).

Em ambos os casos, tanto para o menino, quanto para a menina o surgimento do terceiro, o pai, corta essa relação de exclusividade, fascínio e com isso está presente a ordem simbólica. Ou seja, a entrada do pai é uma forma de livrar a criança dessa relação dual com a mãe. O pai que opera na castração é o pai simbólico, aquele que a mãe se dirige na relação sexual, o homem que a mãe procura e o homem que entra para mostrar a falta (falo, elemento simbólico que simboliza a castração) da mãe.

“O advento do Pai simbólico como Nome-do-Pai atesta, com efeito, o reconhecimento de um Pai castrador pela criança, não apenas em razão da atribuição fálica que lhe é conferida, mas ainda pelo próprio fato de que a mãe é suposta encontrar junto a ele o objeto desejado que ela não tem. O Pai simbólico, pois, só surge para a criança como Pai castrador estritamente na medida em que a criança o investe igualmente como um Pai doador diante da mãe.” (Lacan, 1956, p.54).

Tanto para Freud quanto para Lacan o pai é o símbolo que determina as relações de aliança. É o pai quem detém a função de mediar à relação mãe – criança, e é ele quem insere a lei para mãe de não reintegrar seu produto e ao o filho de não dormir com a sua mãe. É no complexo de Édipo que a mãe permite a entrada do pai, com isso a criança percebe que não é um pedaço do corpo da mãe, o que não ocorre no caso da psicose, sem a entrada do terceiro

a criança se vê como uma extensão da mãe. E para o perverso a mãe só é castrada porque houve a entrada do pai.

## 5 NEUROSE, PSICOSE E PERVERSÃO

Para Freud a personalidade é resultante da dinâmica entre as três instâncias psíquicas, id, ego e superego.

“O complexo de Édipo desempenha papel fundamental na estrutura da personalidade e na orientação do desejo humano. Para os psicanalistas, ele é o principal eixo de referência da psicopatologia; para tipo patológico eles procuram determinar as formas particulares de sua posição e sua solução.” (Laplanche e Pontalis, vocabulário de psicanálise).

É na dissolução do complexo de Édipo que se instaura a lei paterna e se constrói o superego. A partir do Complexo de Édipo que a psique é estruturada de determinado modo, sendo que cada estrutura exclui a possibilidade de outra, sendo elas: psicose, neurose e perversão.<sup>2</sup> A saída perversa reconhece a castração, mas ela é negada, na saída neurótica se submete a castração e sente culpa pelos desejos, já na saída psicótica a castração não é reconhecida, há uma perda de noção de realidade e também a realidade não é respeitada.

Em cada estrutura há um modo inconsciente de lidar com o sofrimento provocado pelo complexo de Édipo. Na psicose o mecanismo é chamado de forclusão, ou seja, o sofrimento é encontrado fora do sujeito; na neurose é chamado de recalque, no qual o sofrimento é escondido/guardado de si mesmo; já na perversão o mecanismo é chamado de denegação, ou seja, o sujeito nega o sofrimento.

A neurose na criança acontece por aceitar a castração, a interdição do incesto e o reconhecimento de que o pai é aquele quem tem o falo.

“Aceita a castração e renuncia o prazer com a mãe, mas somente pela promessa internalizada de que poderá ir e encontro a algo que substitua este primeiro, por isso este prazer é uma busca totalmente satisfeita.” (Pizutti, 2012, p.23).

A neurose é herdeira de uma promessa: que lhe seja permitido ter um pênis para mais tarde. Aí está o que é efetivamente realizado pela fase de declínio do Édipo.

“Em meus próprios escritos e naqueles de meus seguidores, sempre mais ênfase é dada à necessidade de que análises de neuróticos lidem de modo completo com o período mais remoto de sua infância, a época da primeira eflorescência da vida sexual.” (Freud, 1925).

O recalque na neurose é um dos destinos possíveis para o complexo de Édipo, no entanto, há duas saídas, uma pode ser eficaz e levar a completa destruição do complexo de Édipo e a outra o Édipo persiste no inconsciente

---

<sup>2</sup> Anotações feitas em aula de Psicanálise IV – Lacan do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, ministradas pela professora Sandra Dias.

<sup>3</sup>manifestando-se em forma de sintoma. Essa reconstrução da vida sexual infantil é importante para restabelecer um novo sentido do sintoma para a paciente, resultando na sua eliminação.

Já na perversão acontece a castração, no entanto o perverso desmente a castração, ou seja, embora a castração exista ele não a considera. Não se vendo como castrado, que não é faltante, o falo é acessível. A mãe do perverso também é vista como não castrada, como um ser fálico. Para o perverso o outro é objeto do seu gozo/prazer.

“Freud mostra essa divisão a partir do perverso, o qual está diante da descoberta da castração no Outro sexo, da constatação de que a mãe não tem pênis, se divide. Por um lado, o sujeito da crédito, por outro, nega, desmente.” (Quinet, 2000, p. 27)

Como foi visto até agora, a castração para neurótico é recalcada, o perverso a desmente e o psicótico nem a reconhece.

A psicose é um sintoma na situação edipiana que se instaura no primeiro e no segundo momento do Estádio do Espelho, quando a criança fica colada ao desejo da mãe, ou seja, a mãe não desvia o olhar de seu bebê e assim não permite o corte.

“O psicótico não sai da relação objetal que se estabelece no início da vida com a mãe, permanece para sempre alienado ao seu desejo, atrelado ao desejo do Outro. A criança fica presa no olhar do espelho, não por se reconhecer nele, mas por ficar dentro dele, grudado à imagem da mãe.” (Pizutti, 2012, p.25).

Além disso, na psicose não opera a função paterna para cortar a dualidade mãe- bebê, não há um significante que substitui outro significante, ou seja, o significante Nome-do-Pai fica foracluído. Por não se reconhecer o psicótico também não reconhece o outro como semelhante e por isso vê o outro como persecutório. Existem algumas “condições” para a psicose, sendo elas, a figura materna não consegue se separar do filho, não há a entrada do pai, há um não dito presente na família e esse sujeito é tomado como um objeto de completude da mãe.

Na psicose há uma fragilidade simbólica por ser anterior ao complexo de Édipo, já que a função paterna não opera para cortar a dualidade. Por ficar colado à mãe, não constrói sua própria imagem. É como se, ao não construir sua imagem, seu corpo ficasse sem bordas. Por estar preso no desejo da mãe, o psicótico tem dificuldade de lidar com o tempo e com o espaço.

As estruturas são fundadas tanto pelo desejo como sua proibição. A neurose tem como base a frustração decorrente da não realização de desejos infantis em razão do mundo externo ou do superego, gerando sintoma. Já no

---

<sup>3</sup> Anotações feitas em aula na eletiva teórica sobre Psicose do 8º semestre de psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, ministradas pelo professor Hemir Barião.

caso da psicose essa frustração de não realização dos desejos infantis gera delírio e alucinação.

## 6 TEORIDA GERAL DA CRIMINOLOGIA

### 6.1 Noções gerais de estado

A concepção de Estado é uma construção histórica, no qual é a figura do poder público que detém o monopólio da violência.<sup>4</sup>

“A relação jurídica não pressupõe por sua natureza um Estado de paz, assim como o comércio originalmente não exclui o roubo à mão armada, mas antes, pelo contrário, utiliza-o” (Pachukanis, teoria geral do direito e Marxismo, 1988, p.90).

A primeira concepção de Estado de paz surge com a relação das classes antagônicas (classes e escravo) e passa a ser necessário quando a troca se torna um fenômeno regular, pois os direitos públicos (votar e ser votado) do senhor feudal diante dos seus camponeses eram simultaneamente os seus direitos como proprietário privado. Surgindo assim a necessidade de uma mudança da classe dominadora, tirando o poder dos senhores feudais e passando para o capitalismo.

“A interpretação jurídica, isto é, racional do fenômeno do poder não se torna possível a não ser com o desenvolvimento da economia monetária e do comércio.” (Pachukanis, teoria geral do direito e Marxismo, 1988, p.92).

É na revolução francesa que se estrutura o chamado Estado moderno, propondo assim a separação entre o direito público e o direito privado. Ou seja, no mercado cada consumidor e cada vendedor é um sujeito jurídico, encarando assim o poder do Estado abstrato, no qual, se coloca a favor de um bem comum e não entre as relações de classe. Já o Estado como pessoa é um representante de Deus na terra e somente aqueles sujeitos que são considerados sujeito de “direitos” podem se comunicar com o Estado quando seus direitos não forem respeitados.

“A teoria jurídica aceita, em primeiro lugar, que não sejam as pessoas, mais sim o Estado quem dá as ordens e, em segundo lugar, que tais ordens estejam submetidas as normas gerais da lei que expressa novamente da vontade do Estado.” (Pachukanis, teoria geral do direito e Marxismo, 1988, p.99).

Propiciando uma divisão entre a igualdade dos sujeitos e a igualdade dos sujeitos perante a lei. A igualdade dos sujeitos perante a lei favoreceu ao capitalismo, pois o Estado era visto como um exercício do bem comum, ou seja, havia um contrato social a se cumprir.

---

<sup>4</sup> Anotações feitas em sala de aula na eletiva temática sobre Processos de judicialização e criminalização: análises críticas a partir da contribuição da psicologia. Ministrada pela Professora Adriana Eiko Matsumoto.

Na concepção Marxista de Estado havia um comando da classe dominante desenvolvendo assim os direitos humanos, o qual era composto por, direitos civis (liberdade), direitos públicos (votar), direitos sociais, econômicos e culturais.

O Estado constitucional de direito se consolida na Europa a partir do final da II Guerra Mundial, no qual, a constituição era compreendida como um documento público. Até então, vigorava um modelo identificado, como Estado legislativo de direito, no qual, a constituição passa a valer como norma jurídica.

“A expressão jurisdição constitucional designa a interpretação e aplicação da Constituição por órgãos judiciais.” (Barroso, A ascensão institucional do judiciário, p.5)

Até o século XVIII a vingança privada era realizada pelo estado, após isso a pena começa a ser proporcional e restritiva a liberdade. O termo jurisdição constitucional é o poder dos juizes e dos tribunais na aplicação da constituição no controle das leis e do poder público.

## 6.2 Escolas Criminais: Clássica e Positiva

A escola criminal clássica surgiu no continente europeu no século XVIII, em um momento de aspiração iluminista e ascensão da burguesia, com o intuito de superar as formas feudais de punição, sendo elas a fogueira e a prisão subterrânea e formulação de novas estratégias para o direito penal.

“O direito é a liberdade. Bem entendida, a Ciência Penal é, pois, o código supremo da liberdade, que tem por escopo subtrair o homem à tirania dos demais e ajudá-lo a subtrair-se à sua própria, bem como a de suas paixões.” (CARRARA apud GROSNER et al, 2005, p.02).

O delito era visto como um dano social. Assim como afirmada por Grosner a liberdade era vista como o bem maior do indivíduo, podendo descumprir o contrato social de forma arbitrária, ou seja, há uma liberdade de escolha sendo um instrumento de defesa social e uma resposta objetiva a prática delituosa.

“Mas, além de ser uma violação, o crime é, para o classicismo, uma violação ‘consciente e voluntária’ de norma penal e, pois, dos seus elementos constitutivos conferem especial relevância à ‘vontade culpável’ – àquele elemento subjetivo que, contemporaneamente, é dominado ‘culpabilidade’. É mister que o crime seja animado por uma vontade culpável entendida mais como vontade de violar a norma do que como voluntariamente do fato constitutivo do crime, Enfim é necessário que a vontade seja livre para que seja culpável. O livre arbítrio constitui, assim, o sustentáculo do Direito Penal clássico.” (ANDRADE apud GROSNER et al, 2004, p.03).

O indivíduo que age livremente viola as normas penais e responde pelos seus atos na proporção do dano causado. Em 1757 os parricidas eram levados nus à porta principal da igreja para ter seu corpo desmembrado por cavalos e

serem consumidos pelo fogo. Como o parricídio era e ainda é considerado um crime horrendo sua punição era de grande proporção.

“O assassinato, que nos é apresentado como um crime horrível, vemos sendo cometido friamente, sem remorsos.” (FOUCAULT apud MAMELUQUE, 2006, p. 624).

Como podemos perceber na citação acima, a punição se torna a parte mais velada do processo penal. A pena imposta ao parricida vai além daquela dada pela justiça, ficando assim o reconhecimento como aquele que matou o pai, ou seja, carregara a dominação de parricida mesmo que a sua pena seja violenta.

Foi nesse mesmo século que no ano de 1789 e 1791 que as penas que utilizavam pelourinho (onde acontecia a punição e exposição dos criminosos) e a confissão pública foram abolidas. No entanto, no ano de 1792 a forca e a guilhotina começaram a ser utilizadas.

É ao final do século XVIII que se consolidou o movimento que se contrapunha aos ensinamentos da escola clássica, surgindo assim a escola criminal positiva que dominou o saber penal até o século XIX. Somente nesse século o código penal atribui irresponsabilidade ao enfermo, iniciando uma criminologia baseada na medicina. O delito era visto como um “ente jurídico”, mas deveria ser compreendido a partir do paradigma etiológico, o enfoque era bi antropológico e a pena tinha como função reformar o delinquente.<sup>5</sup>

Essa nova escola passou a estudar o crime pelo método empírico, as causas do delito e o objetivo das pesquisas passou a ser o homem criminoso, com o intuito de identificar sinais antropológicos da criminalidade, mediante a observações de características físicas.

“Todo crime, do mais leve ao mais terrível, não é incondicionado da vontade humana, mas sim o resultante destas três ordens de causas naturais.” (FERRI apud GROSNER et al, 2004, p. 06).

As três ordens de causas naturais citadas por Ferri são: fatores antropológicos, fatores físicos e fatores sociais. Ou seja, a resposta para o crime está no sujeito, levando em consideração seu ambiente.

Para Lombroso, um outro estudioso e psiquiatra da época, as três ordens de causas naturais eram: fatores anatômicos (tamanho do crânio, fenótipo de negro), fisiológicos (parada do desenvolvimento psíquico) e mentais (agressividade explosiva do epilético).

De acordo com as teorias dos pensadores Ferri e Lombroso, os criminosos tinham características físicas e tendo conhecimento delas seria possível a reforma do sujeito. Além disso, a pena tinha a tentativa de mostrar

---

<sup>5</sup> Anotações feitas em sala de aula na eletiva temática sobre Processos de judicialização e criminalização: análises críticas a partir da contribuição da psicologia. Ministrada pela Professora Adriana Eiko Matsumoto.

para o criminoso que é necessário abdicarmos da liberdade para fazer a sociedade andar.

No Brasil em 1824 fora abolido o açoite, tortura, marcas de ferro e as demais penas cruéis. Ambas eram aplicadas sob um pretexto de uma ideologia da salvação aos costumes sociais e religiosos ditados pelos poderosos. Já na França em 1832 os parricidas eram levados ao palanque onde tinham suas mãos cortadas. E no ano de 1839 é inaugurada em Paris a Colônia de Mettray, no qual a ideia de punir era ligada a de educar, os internos eram submetidos a trabalho forçado, instrução primária e religiosa.<sup>6</sup>

Foi no século XIX que aconteceu o crime base deste presente estudo, o caso do Pierre Rivieré, que degolou com uma foice sua mãe, seu irmão e sua irmã. A escola positiva tentava encontrar os três fatores para a explicação e condenação do caso. Pierre foi condenado a prisão perpétua.

“Quando se aplica uma normal pena, tutela-se um bem jurídico (interesse ou valor) que interessa indistintamente a todos os cidadãos (princípio do interesse social.). Mas é necessário também tutelar o autor de delitos contra punições arbitrárias e desiguais, garantindo-lhe uma aplicação segura (princípio da legalidade) e igualitária (princípio da igualdade) da lei penal.” (ANDRADE apud GROSNER et al, 2004, p. 09).

Na década de 70 acontece a consolidação da dogmática penal. Para a criminologia contemporânea que resgatou estruturas da escola clássica e a intervenção da escola positiva, o crime é a representação do mal enquanto a sociedade é o bem a ser defendido, o direito penal é igual para todos. A pena tem a função de retribuir e prevenir o delito e ressocializar o delinquente.

As penalidades que antes estavam ligadas a castigos, passaram a “parecer” um adestramento do indivíduo e agora a detenção, a privação da liberdade. E a prisão passou a ser uma fonte de emenda e de reforma moral para o condenado.

### 6.3 Crime, loucura e punição

O crime do parricídio não é um tipo comum de crime, pois envolve a morte de um membro da família nuclear. Matar pai ou mãe é matar aqueles que fundaram a pessoa e que por esse motivo deveriam ser intocáveis. No entanto, é um crime que ronda todas as sociedades, desde a sociedade totêmica até os dias atuais. Por ser um crime que mexe com o imaginário social, a condenação para quem o comete também é diferente.

É um crime tratado como tabu e vinculado à loucura, pois quem mata a própria família não está em sã consciência, criando assim a figura ambígua do

---

<sup>6</sup> Anotações feitas em sala de aula na eletiva temática sobre Processos de judicialização e criminalização: análises críticas a partir da contribuição da psicologia. Ministrada pela Professora Adriana Eiko Matsumoto.

louco infrator, as vezes criminoso, as vezes doente mental. Para o direito penal o criminoso só pode ser considerado inimputável diante da infração e do laudo psicológico. Há no ano de 1921 a criação do primeiro manicômio judiciário.

“O considerado inimputável é absolvido por não entender o caráter ilícito de seu ato, embora, por medida de segurança, seja internado compulsoriamente em um hospital de custódia e tratamento psiquiátrico (HCTP): uma instituição pertencente ao sistema penitenciário.” (EMERIM, SOUZA, 2015, p.01).

Diante da necessidade da reforma na atenção e no cuidado do doente mental criminoso no ano de 1970 há na Itália o fechamento dos manicômios. Já no Brasil em 1980 há a criação do movimento anti manicomial, no qual, exigia uma nova elaboração da constituição e juntamente com as lutas das políticas públicas a criação do Sistema Único de Saúde. No ano de 1988 com a luta anti manicomial, as enfermarias dos hospitais psiquiátricos são reorganizadas e os eletrochoques proibidos.

O sistema prisional brasileiro é precário e com superlotação o que gera conflitos e não favorece a ressocialização e a recuperação do ser humano (86% risco de incidência).<sup>7</sup>

“Por fim, gostaria de salientar que nossa utopia é pôr fim aos encarceramentos. Ninguém pode ‘melhorar’ em situação de encarceramento, Sabemos que a saúde psicológica se produz com laços sociais fortalecidos, com acolhimento, com possibilidade de fortalecimento do sujeito, com empoderamento, com a ampliação da capacidade de intervenção transformadora da realidade. Em presídios, manicômios, Febens, dificilmente conseguiremos esse intento...” (BOCK apud MAMELUQUE, 2006, p.629).

Além do parricida sofrer com a situação do cárcere, também carrega consigo o estigma do cruel que matou seus pais. Segundo Freud (p.10, 1996) a proibição de matar pai e mãe é a lei não escrita mais antiga do homem, quando o tabu era quebrado o próprio agente violado era responsável pela punição.

Segundo o Código Hamurabi – lei do Talião: “olho por olho, dente por dente.”, se caso o filho batesse no pai teria as mãos arrancadas. No Egito a punição para o parricida era a morte em fogueira, depois de ter as mãos amputadas. Já no caso do homicídio não havia a amputação. Em Roma o parricida era julgado por um tribunal especial, a pena era envolver a cabeça em um saco costurado e lançar no rio, para quem cometera um homicídio a pena era a morte.<sup>8</sup>

Atualmente a pena pública não existe mais. No México, o parricida pode ficar 30 anos na prisão caso mate o pai e de 20 a 50 anos caso o crime fosse contra a mãe. Na Itália é dada a pena de morte e na França a prisão perpetua.

---

<sup>7</sup> Anotações feitas em sala de aula na eletiva temática sobre Processos de judicialização e criminalização: análises críticas a partir da contribuição da psicologia. Ministrada pela Professora Adriana Eiko Matsumoto.

<sup>8</sup> Lotti, 2013

No Brasil o crime do parricídio é considerado agravante podendo ficar recluso por 30 a 60 anos, o que difere de um homicídio, no qual a reclusão é de 12 a 24 anos.

Como pode-se perceber o caráter proibitivo e a vingança para quem comete o parricídio é exacerbado. Mas será que o crime do parricídio esta precisamente ligado a doença mental, ou é mais confortante para a sociedade pensar e acreditar que só pessoas que perderam a consciência de seus atos e noção de respeito a seus pais poderiam cometer esse tipo de crime.

## 7 PIERRE RIVIÈRE: CONFRONTO ENTRE O DIREITO E A PSIQUIATRIA

A família de Pierre Rivière viveu em uma época na qual o campo francês há muito vinha sofrendo com a cobrança de impostos do senhor, da igreja e do rei, essa época foi chamada de Antigo regime, que se originou na França e se difundiu ao longo dos séculos XVI a XVIII.

“A estrutura do Antigo regime é marcada pela forte centralização do Estado na mão do rei, algo conhecido como monarquia absolutista, a qual teve como grande modelo o monarca Luís XIV da França; na economia se nota a substituição da economia basicamente rural pela ascensão do comércio, e junto a este o capitalismo. Nessa época chamada de mercantilismo. No âmbito social esse período marcou um forte contraste de desigualdade social; poucos eram os ricos e muitos eram os pobres.” (TOCQUEVILLE, 1997)

A ascensão da Burguesia e o fracasso de governo de Luís XVI resultaram na revolução Francesa, tendo como lema liberdade, igualdade e fraternidade. O que se buscou na revolução Francesa era um governo livre e igualitário.

“Na noite de 4 de Agosto, tão decantada em imagens, transpira o temor diante desses castelos em fogo e as massas de pobres reunidos. Sob esse impulso desmorona-se a ordem “feudal”. E é um suplemento de prova que diante das trapaças da assembleia instituindo cláusulas rígidas para o resgate dos direitos senhoriais, o campesinato, por uma recusa coletiva de cumpri-las, tenha confirmado, impondo-a nos fatos, sua abolição. A isso se chama revolução.” (LEFÉBVRE apud FOUCAULT, 2013, p.260).

Agora os homens eram livres e iguais em direitos. No entanto, essa nova sociedade liberal também tinha seus elementos de controle que eram baseados no contrato, no gosto a propriedade e no estímulo dado ao trabalho. Pierre nasceu em uma época que ainda havia um resquício de uma era decadente de opressão e de promiscuidade.

Os manicômios eram vistos como uma forma de detenção, foram criados em 1800 após o atentado sofrido pelo Rei George III por uma pessoa com problemas mentais. No entanto, em 1835 não havia uma criminologia “científica”, havia o direito, os códigos da igreja, código napoleônico e os estudos com Pinel e Esquirol.

O triplo assassinato cometido por Pierre Rivière ocorreu em 1835 em meio a sérias mudanças econômicas e sociais na Europa e no Mundo. Além disso, no século XIX há o surgimento da psiquiatria baseadas no estudo do Phellipe Pinel.

“Phellipe Pinel reorienta o tratamento das doenças, retirando do poder da igreja a palavra final sobre características até então, condicionadas ao demônio ou às práticas de feitiçaria.” (FREITAS, p.19, 2014)

Diante do surgimento da psiquiatria é também no século XVIII que o código penal atribui irresponsabilidade ao inferno, iniciando uma criminologia baseada na medicina. Com isso o castigo passa a ser algo para fazer o sujeito criminoso apropriar-se do seu ato, fazendo também a distinção entre o homem que manda e o que obedece.

Com a reforma de 1832, a criação do direito, a determinação dos fatos puníveis e não puníveis, pertencem agora ao legislativo. Além do próprio delito, é encarado também a conduta do delinquente. Com o aparecimento do saber psiquiátrico, aparece também outra discordância com a criminologia, pois a psiquiatria tenta exonerar o louco da sua responsabilidade, e para o direito o louco criminoso que prejudica a ordem social deveria ser condenado, assim como qualquer outro criminoso.

Até a reforma de 1832, o culpado é condenado à morte por parricídio, era conduzido ao lugar da execução, um cadafalso onde era feita a leitura da sentença e condenação pelo oficial de justiça para o povo. O sujeito estava descalço e com a cabeça coberta por um saco preto. Após a leitura da sentença ele teria a mão direita cortada seguida da execução. Depois de 1832 a única mudança que ocorre é o abandono da amputação da mão.

Com a reforma de 1832, surge a aplicação das circunstâncias atenuantes (Art. 65) para o crime do parricídio. Diante dessas circunstâncias três se encaixariam no caso de Pierre. I: ser agente menor de 21 anos na data do fato, o que indica imaturidade e inconseqüência; II: O desconhecimento da lei; III: Ter o agente confessado espontaneamente perante a autoridade a autoria do crime. A aplicação das circunstâncias atenuantes tem como objetivo uma comutação de pena, ou seja, substituição de uma pena mais branda ou mais leve.

“A existência das circunstâncias atenuantes, com efeito, autoriza, além da psiquiatria, a entrada de todas as ciências sociais e humanas (psicologia, sociologia, genética) na justiça. Há portanto diminuição do caráter específico da justiça e diminuição do poder dos juízes que veem um certo número de técnicos invadir seus domínios.” (FOUCAULT, 2013, p.303).

Com isso, especialistas do direito quanto da psiquiatria são chamados para dar ou não uma pena capital a Pierre, ocorrendo assim um conflito entre o direito e a psiquiatria, pois a dúvida que permeava os dois campos era como um sujeito tido como “louco” conseguiria escrever um manuscrito contando a história de vida dos seus pais, a sua história, os motivos que o levaram a cometer o triplo assassinato e os dias que passou escondido da floresta até se entregar a corte.

Pierre Rivière planejou esse manuscrito com antecedência, colocando nele todos os elementos necessários para o entendimento do crime, sua motivação e sua condenação. Em um primeiro projeto de elaboração Pierre pensou em colocar no cabeçalho a participação do crime, depois seria explicado a vida do pai e da mãe, e enfim as razões do gesto, com a redação concluída o assassinato seria concluído, o manuscrito seria expedido pelo correio e Pierre se mataria. No segundo projeto, Pierre contaria a história de seus pais para que

todos pudessem ler e as razões do crime que viria seria secreto. No último projeto, Pierre mataria, depois deixar-se prender, depois fazer suas declarações e depois morrer.<sup>9</sup>

Com a elaboração desse manuscrito o tribunal de júri tinha meios de formar uma opinião sobre sua condenação a partir do que ele havia feito, o que havia dito, a maneira como viveu e a educação que recebeu.

“Ele era, enfim, o objeto de um exame médico: tratava-se de saber se sua ação e seu discurso correspondiam aos critérios de um quadro nosográficos. Em suma, fazia-se em relação a seu gesto uma tríplice questão da verdade: verdade de fato, verdade de opinião e verdade da ciência.” (FOUCAULT, 2013, p.297).

Além da escritura do manuscrito por parte do condenado também havia no século XIX a criação de panfletos que contavam os crimes que aconteciam nas determinadas comunas. Esses panfletos eram divididos em duas partes: uma narrativa objetiva do acontecimento e a outra era uma cantiga de lamento do criminoso. Como pode ser visto em uma cantiga feita por um parricida de dezenove anos de 1811.

“Vós tremeis, eu o vejo, corações sensíveis,  
E meu aspecto inspira terror,  
Sim, minhas perversidades, meus crimes são horríveis,  
E eu mereci o rigor do céu,  
Tranquilizai-vos, meu suplício se prepara.” (FOUCAULT, 2013, p.294).

O sujeito criador da cantiga, assume visivelmente o assassinato, abstraindo-se nele, apelando para a lei invocando ao mesmo tempo a memória e o ódio pelo crime cometido. A partir dessa cantiga, pode-se perceber que a necessidade de punição está ligada à uma consciência moral, justamente por ser um crime abominável e que exige uma punição severa.

No livro de M. Foucault o crime do parricídio é comparado ao regicídio, ato de assassinar o rei ou a rainha, pois ambos são contra figuras sagradas que se deve exaltação e respeito. O crime do regicídio citado por Foucault se refere à Fieschi, que no dia 28 de julho de 1835 atentou sobre a vida do rei Luís Felipe e sua família, no entanto, o rei não foi atingido, mas dezoito pessoas foram mortas, entre as quais o Marechal Mortier (Foucault, 2013, p.308).

“Esse crime assim qualificado é o maior de todos; ele será punido pela pena de morte reservada ao parricídio, quer dizer, a única que submete o culpado a algumas mutilações antes de morrer.” (FOUCAULT, 2013, p.309).

Essa citação nos mostra a apresentação do rei como um pai, baseado também na hierarquia existente em uma família, na qual temos a autoridade que deve respeito e a quem devemos obediência. Por isso, o regicida merece a pena

---

<sup>9</sup> FOUCAULT, Michel. Eu Pierre Rivière que degolei minha mãe, meu irmão e minha irmã. 2.ed. Rio de Janeiro. 2013, p.287.

do parricida, porque mais uma vez o crime não é visto por si só, mas sim contra quem ele é cometido e quais são os significados que elas trazem para a sociedade, ou seja, estão ligadas a imagem do totem, aquele que não pode ser tocado e deve ser santificado.

No entanto, há uma confusão no crime político entre o que é perigoso para o Estado (regicida) e o que é imoral (parricida) e nesse caso ambos são perigosos ao Estado e imoral, pois são contra a figura do sagrado. Tanto o advogado de Pierre quanto o de Fieschi defendem a loucura de seus “clientes” e reivindicam para eles as circunstâncias atenuantes. Porém, o júri de Fieschi não aceita a comutação da pena e ele juntamente com seus companheiros é guilhotinado.

Diante das numerosas esquisitices, extravagâncias e atitudes estranhas atribuídas a Pierre pelas testemunhas, faz os médicos pensarem que desde a sua primeira infância, Pierre é atacado de alienação mental.

“Até a idade de quatro anos, dizem as testemunhas, ele parecia com as outras crianças de sua idade, mas a partir desse momento sempre passou por um idiota ou imbecil.” (FOUCAULT, 2013, p.323).

Para os médicos, é preciso que o retrato de Rivière louco-delirante tenha lugar bem antes do crime, praticamente desde sempre. No entanto, para Lombroso, Pierre seria o típico delinquente que espera o momento para se manifestar, pois trazia em si, as características de condenado, tendo seu físico comparado ao de um primitivo.

“Ele é de pequena estatura, sua fronte é estreita e abatida, as sobrancelhas pretas cruzam-se em arco, a cabeça está constantemente baixa e o olhar parece temer encontrar outro olhar, como se tivesse medo de trair o segredo de seu pensamento; seu caminhar é sacudido e em saltos, pula mais do que anda.” (FOUCAULT, p.276, 2013)

Segundo a teoria de Lombroso, já citada nesse trabalho, há uma tentativa em justificar o crime a partir das características físicas do criminoso e além disso tenta colocar Pierre Rivière no lugar de um homem primitivo, como se fosse possível esse retrocesso. Já para Esquirol sofre de uma monomania homicida.

“O alienado, conservando o uso de quase toda sua razão, delira apenas sobre um objeto ou sobre um pequeno número de objetos; sentindo, raciocinando, pensando e agindo, aliás como ele próprio sentia, pensava e agia antes de estar doente Quando ela é homicida, a monomania é um delírio parcial. Caracterizado por um impulso mais ou menos violento ao assassinato, provocando ele próprio ou por uma convicção íntima, mas delirante, pela exaltação da imaginação ou por um raciocínio falso, ou pelas paixões em delírio...” (FOUCAULT, 2013, p.374).

Pierre foi condenado por diversos artigos, sendo eles: artigo 295 da conduta criminosa; 296, 297 e 299 do código penal Francês e pelos artigos 133

e 135 do Código de Instrução criminal. No entanto, havia uma obscuridade da doença e uma incerteza por parte dos médicos, por isso a compreensão do caso teve de ser feita, de acordo com a medicina-legal, no processo do inquérito, do interrogatório e da observação.

Fica claro diante do manuscrito feito por Pierre que a intenção do mesmo era identificar através da fala ou da escrita a revelação da loucura, o que no caso do Pierre, a elaboração do manuscrito só fez os estudiosos do caso ficarem com dúvidas a respeito da sua loucura e se os sinais de loucura foram planejados pelo Pierre.

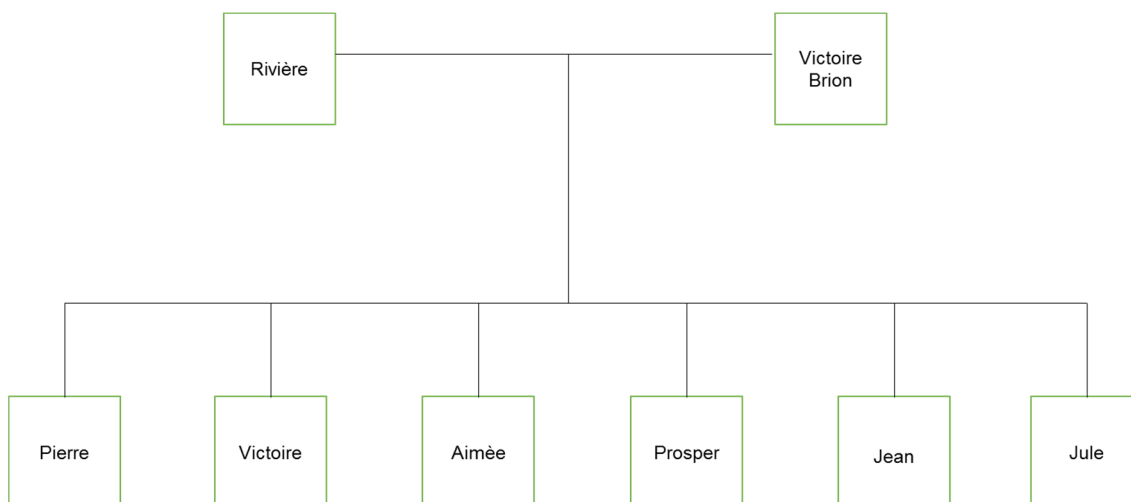
“Para os médicos, Rivière é, desde sua primeira infância, atacado de alienação mental; para os magistrados: Rivière foi visitado e observado na prisão por um médico hábil, e nada nele, aos olhos desse homem de ciência, revela a menor alteração intelectual, e se a fuga depois do crime e essa tentativa de sua parte de se fazer passar por louco para escapar da justiça não testemunhavam suficientemente a perfeita compreensão do que fazia as consequências daí advindas, sua razão resultaria com evidência de um memorial bastante detalhado e escrito por ele depois da prisão.” (FOUCAULT, 2013, p.321).

Pierre em um primeiro momento foi condenado a pena de morte, após as circunstâncias atenuantes e as dúvidas que ainda pairavam aos médicos sobre sua insanidade, sua pena foi mudada para prisão perpétua. No entanto, Pierre comete o suicídio cinco anos após a sua condenação.

O julgamento de Pierre, representou a junção entre a medicina, o direito e a sociedade, que diante da monstruosidade do crime queria explica-lo através da loucura, da alienação mental (segundo os médicos parisienses) e da imbecilidade (como era visto pelas pessoas próximas). No entanto, a única forma encontrada de explicar o crime, foi à loucura.

## 8 PIERRE RIVIÈRE E A DINÂMICA FAMILIAR

“Os problemas surgem quando nos deparamos com a questão da cultura específica da família. Essa cultura própria da família, nós a definimos pelo sistema de valores que ela constrói, as regras que ela estrutura em seu microsistema psicossocial.” (MALUSCHKE, 2007, p.83).



Rivière era o segundo dos três filhos de Jean Rivière e Marianne Cordel. Era um homem doce e afável para com as pessoas. Assim como todos os rapazes da época, Rivière foi convocado para o alistamento militar de 1813 e só seria isento da segunda chamada se fosse casado, então foi decidido que se casaria. Por indicação do conde de Courvaudon e por combinar as fortunas e as idades, Rivière foi pedir em casamento Victoire Brion.

Victoire lhe foi prometida e os dois namoraram durante seis meses. Após esse tempo os pais de Victorie mudaram de ideia a respeito do casamento, pois seus filhos tinham morrido na guerra e temiam que o mesmo acontecesse com o genro. Rivière conseguiu convence-los e então foram assinar o contrato de casamento, no qual foi previsto a comunhão dos bens móveis possuídos e dos bens imóveis adquiridos.

Apesar de estarem casados cada um continuava morando em sua casa, na casa de Rivière moravam seus pais, seu irmão dez anos mais novo e uma tia. Já na casa de Victoire moravam apenas seus pais. No começo da união, Rivière ia frequentemente visitar a esposa, mas por ela era recebido com frieza e por conta disso as visitas começaram a ficar mais esporádicas.

Dois anos após o casamento, Victoire deu à luz a Pierre, após o parto ficou muito doente, seu marido tomou todos os cuidados e não se deitou para

dormir durante seis semanas. Nessa doença de Victoire seus peitos apodreceram e Rivière precisava chupar seus seios para extrair o veneno que os faziam apodrecer. Durante a doença, Victorie tratava sua mãe com desprezo e não queria os cuidados dela, só queria os cuidados da sogra.

“Minha mãe, durante a doença, mostrava desprezo e frieza principalmente com a mãe dela, não a considerava capaz de prestar-lhe qualquer serviço; achava que só minha avó paterna podia tratar dela como convinha. Como essa lhe perguntasse por que não queria sua mãe, respondia: Porque ela é muito tola.” (FOUCAULT, 2013, p. 85-86).

No ano seguinte, Victorie engravidou novamente e seus pais resolveram manda-la para a casa do marido. A convivência entre todos da casa ocorreu bem até seu parto, deu à luz a uma filha chamada Victoire. Sua doença foi novamente grave e durou cerca de três meses, ela foi tratada pelos seus sogros e pelo seu marido. Apesar do tratamento que recebera, Victoire os cobria de insultos e palavras mortificantes. Diferente da primeira vez que ficou doente, a única pessoa que podia cuidar de Victoire era sua mãe.

“Sua mãe vinha de Courvaudon para vê-la, e era a única pessoa que podia tratá-la; ela fazia com que lhe servissem pratos de porco assado e várias outras coisas indigestas, e como meu pai e minha avó paterna a isso se opusessem, dizia que eles tinham mágoa, que eram sovinas e que queriam matá-la.” (FOUCAULT, 2013, p.87).

Quando Victoire começou a melhorar sua mãe quando vinha visita-la dizia que gostaria que ela voltasse para casa que seu pai tinha muita vontade de vê-la. Diante da vontade de sua mãe e da sua vontade, Victoire resolveu que não moraria mais com o seu marido em Aunay. Voltou a morar com os seus pais e para que ninguém zombasse de Rivière a mudança era feita a noite.

“Nessa época minha mãe manifestou grande aversão a meu pai, espalhando em Courvaudon que tinha voltado por estarem matando-a, tudo lhe faltava.” (FOUCAULT, 2013, p.87).

Durante esse período, Pierre continuou morando com o seu pai, no entanto, quanto tinha três ou quatro anos de idade, sua mãe acompanhada de sua avó entrou na casa sem falar com ninguém e pegou Pierre e tentou levá-lo a força. Pierre não queria ir com sua mãe, gritava, chorava e seu pai também fazia de tudo para que não o levasse. Rivière conseguiu convencer Victoire a deixar Pierre, pois ele o levaria no dia seguinte e assim o fez.

Houve períodos que Victoire não demonstrava tanta aversão à Rivière, mas também não demonstrava tanta amizade, e apesar dessa relação conturbada no ano de 1820 nasceu Aimée, em 1822 nasceu Prosper e em 1824 nasceu Jean. Pierre viveu com a mãe por seis anos e testemunhava todas as brigas que sua mãe tinha com sua avó materna.

“Todos os dias brigava com sua mãe, e não lhe dizia uma só palavra que não fosse mortificá-la. Elas se acusavam continuamente de cinquenta mil coisas.” (FOUCAULT, 2013, p.90).

Apesar de ter morado com sua mãe por seis anos, Pierre não tinha muito apego por ela, mas gostava muito de sua avó e mais ainda de seu avô, que lhe ensinava muitas coisas. Ficar com o seu avô era um modo de Pierre se afastar das brigas em casa, pois seu avô trabalhava em uma oficina que ficava longe da casa e assim não conseguiria ouvir o bate-boca que reinava na casa.

Com dez anos de idade Pierre voltou a morar com o que seu pai, onde permaneceu até o dia do crime. Até 1828 Victoire tratava muito bem Rivière, foi nesse mesmo ano que deu à luz a mais um menino chamado Jule. Aimée e Prosper também foram morar com o pai, os únicos que sempre permanecerem com Victoire, foram Jule e Victoire.

“Naquela época eu ia com o meu pai tratar da terra, e via que as desavenças entre minha avó e minha mãe continuavam, mas minha mãe levava a melhor, pois minha avó se enfraquecia, essa pobre mulher foi completamente infeliz, não somente sofria com as brigas contínuas, mas várias pessoas contam terem visto minha mãe bater nela e arrastá-la pelos cabelos. Meu pai nunca bateu em minha mãe, com exceção de alguns tabefes que lhe dava quando ela o desafiava muito.” (FOUCAULT, 2013, p.94).

No ano de 1833 a avó materna de Pierre falece e, diante desse fato, Rivière pensou que a esposa voltaria a morar com ele e com os filhos, mas não foi o que aconteceu, as brigas, insultos e os filhos separados uns dos outros continuavam. Victoire exigia que além de Rivière cuidar das terras ainda tinha que dar francos a ela, Rivière não concordava mas acabava cedendo para evitar brigas.

Em uma dessas brigas entre os pais, Pierre acabou se envolvendo e dando uns tabefes em sua irmã Victoire, pois ela sempre defendia sua mãe, mesmo que ela estava errada.

“Minha mãe começou a brigar, e meu pai trepou numa janela para entrar no celeiro, ela então segurou-o pelas pernas fazendo-o cair, quebrando a corrente de seu relógio e rasgando sua roupa. Ele não bateu nela, mas disse que, para ter sossego, ia trancá-la numa casa. Ele a tomou nos braços para leva-la; mas as mãos dela agiram arranhando-o. Minha irmã se meteu para impedir que meu pai fizesse aquilo, e vendo que ela o atrapalhava, tirei-a de lá e lhe dei vários tabefes, enquanto meu pai levava minha mãe, ela e minha irmã gritavam: “Vingança! Ele me mata, vingança, ele me assassina, ele me mata! Vingança, meu deus, vingança.” (FOUCAULT, 2013, p.103)

Nesta ocasião, Rivière ficou tão nervoso que cuspiu sangue. Victoire continuava defendendo a mãe e Pierre o pai, pois para Victoire o culpado das brigas era o pai e a mãe não tinha feito nada de errado em agredi-lo e para Pierre a culpada pelas brigas era a mãe, e o pai já deveria ter tomado uma atitude em relação a ela.

Diante de todas essas brigas entre Rivière e Victoire que geralmente aconteciam em público que eram causadas em razão dos francos, móveis, criação de gado, trigo e cuidados com a terra, Rivière era motivo de chacotas do povo e isso deixava Pierre chateado, visto que quem era culpada pelas brigas era a sua mãe e não seu pai.

Algum tempo depois, Victoire entrou com um pedido de separação e desde então Pierre não fez mas nenhuma refeição com ela e nem com sua irmã, já seu irmão Jule não procurava mais a sua companhia e nem a do seu pai. Pierre percebia que os dois tinham mais apego à sua mãe do que à seu pai.

Uma vez que tendo conhecimento desse pequeno relato da dinâmica familiar de Pierre Rivière, pode-se perceber que o casamento dos pais foi uma forma de Rivière escapar do exército, ou seja, acontece com outro propósito, resultando em uma terrível relação entre o marido e mulher, uma disputa de poder em que os filhos faziam parte dos bens, o casal dividia os filhos, os bens, os móveis e cada um vivia em sua casa. O contrato de casamento se tornaria um golpe, fazendo com que ambos tomem um gosto pelas suas propriedades e queiram aumentá-las.

“A família de Rivière não era unida. Sua mãe de um gênio obstinado, imperioso, impertinente, fazia há muitos anos seu pai infeliz. Esse era constantemente importunado, não tendo quase nunca descanso.” (FOUCAULT, 2013, p.167).

Pierre, assim como seus irmãos, presenciou as brigas, os insultos, as agressões de seus pais e com isso foi se colocando contra aos irmãos que moravam com sua mãe por achar que eles a defendiam. Pierre por conviver com o seu pai julgava que ele era um homem bom e que as injúrias feitas por sua mãe não eram verdadeiras.

Diante desses relatos, pode-se perceber que a relação entre os filhos não existia, pois ficavam divididos e presenciavam constantemente a briga de seus pais. Por serem criados separados, quem optou ficar com o pai, o que aconteceu no caso de Pierre, pensava que os irmãos que moravam com a sua mãe estavam de acordo e a apoiava diante das humilhações à Rivière. Esse foi o motivo alegado quando Pierre matou seus irmãos, Victoire e Jule.

Na família de Pierre, não havia leis, cada um fazia o que queria, sem pedir permissão ao outro. Os problemas entre marido e mulher eram resolvidos com o uso da força física, Victoire avançava em Rivière que nunca reagiu. Além de vivenciar todas as brigas presente na família, Pierre também é originário de uma família em que a alienação mental é hereditária.

“Rivière é originário de uma família em que a alienação mental é hereditária. O irmão de sua mãe morreu alienado... Dois de seus primos irmãos apresentaram numerosos e habituais sintomas de loucura. Sua mãe tinha um gênio tão irascível, uma vontade tão obstinada e volúvel, uma maldade tão frequente, uma excentricidade tão grande... O irmão de Rivière é quase que completamente idiota.” (FOUCAULT, 2013, p.163-164).

A partir da citação acima pode-se perceber que quando a loucura está presente na família, tem relação com algo que se repete, transgeracional. Ou seja, há algo nessa família que cria a loucura do indivíduo, visto que a família tem o papel fundamental na construção psíquica do indivíduo.<sup>10</sup>

“Encontrei a hereditariedade como a causa mais ativa e talvez a mais frequente na produção da alienação mental. Não é, pois, necessário procurar mais longe a causa da organização primitivamente defeituosa do cérebro de Rivière.” (FOUCAULT, 2013, p.164-165).

Além de ter como fator para a loucura a hereditariedade, as circunstâncias em que viveu Pierre aumentaram ainda mais a sua pré disposição a loucura, sendo essa loucura manifestada por uma proporção de atos denominados como esquisitos antes de cometer o crime de matricídio e fratricídio.

---

<sup>10</sup> Anotações feitas em sala de aula na eletiva teórica sobre Psicose, Ministrada pelo Professor Hemir Barição.

## 9 PIERRE RIVIÈRE

Jean Pierre Rivière foi o primeiro filho dos cinco filhos do casal Victoire Brion e Rivière, nasceu com o propósito de livrar seu pai das obrigações, sendo a primeira o exército e posteriormente livra-lo de sua esposa. Assim como já foi retratado acima, Pierre era apegado ao seu pai e a família dele, não tinha muito contato com a sua mãe e não gostava que sua irmã Victoire se intrometesse na vida dos pais.

Segundo as testemunhas do processo, até os quatro anos de idade, Pierre era como as outras crianças, mas desde então já era visto como um idiota, pois falava sozinho, era dotado de uma inteligência muito desenvolvida e passava dias inteiros no fundo de pedreiras abandonadas ou em cantos mais reclusos do celeiro.

“Também logo passou a ser motivo de brincadeiras e zombarias das outras crianças, o que, tornando-o mais tímido e mais envergonhado ainda, impediu sem dúvida nele o desenvolvimento natural das faculdades afetivas, pois é notável que, não somente frio e apático com seus pais, não teve nunca um amigo e viveu numa solidão afetiva bem propícia a manter sua inferioridade intelectual e moral.” (FOUCAULT, 2013, p.165).

Já lá pelos sete ou oito anos, teve grande devoção e isolava-se para orar a Deus, pensava em ser padre e tinha todo o apoio de seu pai, chegou a decorar sermões e a pregar na frente de várias pessoas isso tudo durante três anos, no entanto, suas idéias mudaram e Pierre decidiu que queria ser igual aos outros homens. No entanto na idade de dez ou doze anos não parecia mais o mesmo, parecia ter se tornado um idiota.

“Brincava sozinho, ia ao nosso jardim e, como lera algumas coisas sobre exércitos, imaginava nossos repolhos em formação de combate, nomeava chefes, e depois quebrava uma parte dos repolhos para fingir que tinham sido mortos ou feridos. Diverti-me muito tempo com isso, se bem que não quebrasse tanto.” (FOUCAULT, 2013, p.134).

Essa brincadeira com os repolhos, foi visto pelos seus vizinhos que testemunharam a respeito do crime, como uma extravagância e como uma coisa ridícula. Pierre aprendeu bem a ler e a fazer aritmética, quanto à escrita tinha um pouco de dificuldade. Na escola ele lia a bíblia e esse hábito continuou mesmo após ter deixado a escola.

Sem ter que estudar, Pierre ia tratar da terra com o seu pai, momento esse que presenciava as brigas entre seus pais e entre sua mãe e sua avó materna, no entanto não era o que ele gostava de fazer, gostava de ler a bíblia – novo testamento e evangelho, ler almanaques e sobre os números do deuteronomio. Entre as histórias que gostava pode-se incluir: “Bom senso da cura Melier”, “o catecismo filosófico de Feller” e “o catecismo de Montpellier”, além de histórias de naufrágios, história romana e história de Bonaparte, não necessariamente

precisava ler um livro, Pierre gostava de ler qualquer coisa, inclusive pedaços de jornais que fossem usados para limpar-se.

Pierre assim como seu tio materno, também tinha horrores às mulheres de sua família, o que também chamava atenção da vizinhança. Pierre encontrava uma maneira de explicar seus sinais quando era acometido por esses pensamentos amorosos, dizendo que queria enxotar o diabo de seus pensamentos, ou seja, preferia passar-se como louco ou alienado do que tentar explicar o verdadeiro motivo de seus pensamentos, atração pelas mulheres. Em razão dessa tentativa de fuga do objeto desejo, Pierre perguntava a seu pai se seria possível alguém sobreviver nos bosques comendo ervas e raízes.

“Naquele tempo a paixão carnal me incomodava. Pensava que seria indigno de mim pensar alguma vez me entregar a ela. Tinha sobretudo horror ao incesto, isso fazia que eu não quisesse me aproximar das mulheres da minha família. Quando eu pensava haver me aproximado demais, fazia sinais com a mão como se quisesse reparar o mal que pensava ter feito...Diziam também que eu tinha horror das outras mulheres, pois quando elas se colocavam, as vezes, perto de minha avó ou minha irmã, eu me retirava para outro lado.” (FOUCAULT, 2013, p.135).

Por isso andava sozinho, inventava histórias e liderava os personagens que criava. Não gostava das brincadeiras que faziam contra ele, principalmente das meninas que tentavam beijá-lo a força, por isso planejava vingar-se de todos. Para tentar chamar a atenção e mostrar sua imaginação resolveu fazer uma ferramenta para matar passarinhos, um instrumento que batesse a manteiga sozinho e um carro com molas que andasse sozinho.

“Eu me dava melhor com as crianças de nove e dez anos do que com as pessoas de minha idade. Fabricava bestas para elas, e eu mesmo tratava de dispará-las; prenderam-me com uma, e apesar de ter dito que a fabricara para me fazer passar por louco, não era bem isso.” (FOUCAULT, 2013, p.137).

Segundo os autos Pierre tinha prazer em assustar as crianças e torturar os animais. Gostava de levar as crianças para vê-lo crucificando rãs e pássaros, pregava-os com três pregos na barriga em uma árvore, tentando assim reproduzir as cenas da Paixão de Cristo.

“O acusado, pelo que sei, frequentemente brincava de assustar crianças. Um dia, há mais ou menos um ano, pegou o filho de Charles Grelley, em casa de quem sou empregado, e colocou-o na manjedoura onde seu cavalo comia, dizendo que faria o animal come-lo.” (FOUCAULT, 2013, p.57).

Além disso, segundo as testemunhas, Pierre foi acusado de matar um gaio (pássaro) de seu irmão Prosper, no entanto, nunca assumiu. Em uma outra ocasião, foi visto ameaçando cortar as pernas de um de seus irmãos com uma foice. Perguntado à respeito desse fato no terceiro interrogatório, Pierre responde:

“Nunca tive a intenção de fazer-lhe mal; não me lembro exatamente do fato ao qual o sr. se refere, mas, se é verdadeiro, era, de minha parte, somente uma brincadeira.” (FOUCAULT, 2013, p.62).

Dentre as treze testemunhas interrogadas, entre elas alguns membros da família de Pierre, uma só afirma que ele era louco; o sr Grelley dizia que ele se passava geralmente por louco ou imbecil e três diziam que ele se passa por idiotia ou imbecil. As demais não fizeram nenhuma menção a sanidade de Pierre. Porém, a obstinação e o gosto pela solidão são tidos por quase todas as testemunhas como traços de caráter, são marcas de Pierre.

Pode-se perceber que Pierre usava a palavra de Deus para justificar algo que ele não queria comentar e com isso as perguntas acabariam, como por exemplo, o horror pelas mulheres e o triplo assassinato. Além disso, preferia ficar sozinho e escondido, pois todos zombavam dele e ficando sozinho evitaria esses incômodos e é na solidão que os delírios começam a aparecer.

### 9.1 *Pierre Rivière e o crime*

“O abatimento no qual o vi mergulhado nesses últimos tempos, sua duplicidade, as penas contínuas que suportava, tudo isso me tocou vivamente. Todas as minhas ideias voltaram-se para essas coisas, e nelas se fixaram. Concebi o horrível projeto que executei, pensava nele há mais ou menos um mês. Esqueci completamente os princípios que me deviam fazer respeitar minha mãe, minha irmã e meu irmão, vi meu pai como se ele estivesse diante de cães raivosos ou em mãos de bárbaros, contra os quais eu deveria lutar.” (FOUCAULT, 2013, p.138).

Pierre conhecia as leis humanas e da polícia, sabia que a religião o proibia de cometer tal ato e mesmo assim quis desafiá-las. É citado em seu memorial várias histórias de homens que morreram por sua pátria, assim como na história romana, percebeu que era dado ao marido o direito de vida e morte sobre sua mulher, inclusive a história de Jesus Cristo que morreu para resgatar os homens da escravidão do demônio. Quis se glorificar iguais aos guerreiros que morriam por sua pátria, mas que no caso dele mataria e morreria por seu pai, um homem que o ama e que o quer bem.

“Quando ouvi dizer que cerca de cinquenta pessoas tinham chorado quando meu pai entoara os cânticos da aspersão da água benta, disse pra mim mesmo que, se estranhos que nada têm a ver com isso choravam, que não deveria eu fazer, que era seu filho? Tomei então essa horrível decisão.” (FOUCAULT, 2013, p.139-140).

Estava então decidido a matar os três, sua mãe e sua irmã por estarem de acordo a fazer o pai sofrer e o irmão mais novo por ele amar sua mãe e sua irmã e pelo amor que seu pai tinha por ele, pois assim se tornaria odioso aos olhos de seu pai. Planejou escrever sobre a vida de seus pais contendo as

razões para cometer tal crime e após cometer o crime se mataria, no entanto desistiu de escrever e tomou a decisão de matar os pais e só depois que viesse a Vire para ser preso e então contaria sobre os fatos.

Foi mandar amolar a foice no domingo dia 24 de Maio, no entanto naquele dia não fez nada, pensava em fazê-lo no decorrer da semana, mas não deu certo, pois não estavam os três reunidos e quando estavam não teve coragem, foi retido por sua covardia diversas vezes. Sempre que a vontade de cometer o triplo assassinato ocorria, Pierre trocava de roupa e coloca sua roupa de domingo, uma roupa mais ajeitada e bonita. Preocupava-se com o fato do seu pai não estar em casa ou na cidade, pois se soubesse do crime tentaria se suicidar.

“O meio-dia chegou e ela (minha avó) foi ordenhar as vacas com minha irmã Aimée. Meu irmão Jule tinha voltado da escola. Aproveitando essa oportunidade apanhei a foice, e entrei na casa de minha mãe e cometi esse crime horrível, começando pela minha mãe, e em seguida minha irmã e meu irmãozinho; depois disso redobrei os golpes... Eu morro para devolver-lhes a paz e a tranquilidade.” (FOUCAULT, 2013, p.146-147).

A mãe estava caída perto da lareira, e tudo que a rodeava era prova de que tinha sido surpreendida com seus afazeres domésticos. A cabeça estava banhada em sangue, os ossos fraturados, assim como os do rosto que estava desfigurado com feridas profundas, as vértebras estavam quebradas, a cabeça, presa ao corpo apenas pelo músculo do lado esquerdo e alguns pedaços de pele. Perto dela, estava o cadáver de Jule com vários ferimentos profundos na cabeça, a tal ponto que uma parte da abóbada craniana estava quase separada, além disso, esses vários golpes deixaram traços nos ombros e na nuca. Perto dos dois cadáveres estava o de Victoire, o bastidor de renda estava caído, os tamancos esquecidos perto da janela e os cabelos arrancados indicavam que ela havia tentado fugir e, ali teria havido uma luta, vários golpes penetraram profundamente sua garganta e o rosto estava fissurado por vários cortes.

Percebe-se pela crueldade e pela quantidade de golpes que Pierre deferiu contra suas vítimas, que matando aquilo que lhe é mais próximo (mãe, irmã e irmão), é a ele próprio que agride, e com golpes redobrados, se mata várias vezes. Ou seja, ocorreram golpes que não serviriam para matar as vítimas, mas sim para matar algo presente em Pierre.

Algumas pessoas o viram cometer o crime, no entanto nada puderam fazer para evita-lo. Apenas lhes era falado não queria que eles deixassem sua avó cometer o suicídio. Como havia programado ir a Vire anunciar o triplo assassinato que havia cometido, Pierre assim o fez, mas decidiu ir pelos bosques para não ser preso, jogou a foice em um trigal e no meio do caminho sentia enfraquecer aquela ideia de coragem e glória que estavam presentes antes do crime.

“Chorei e rolei no chão, deitei-me e examinei o local e os bosques, já tinha estado lá outras vezes. Ai de mim, nunca pensei encontrar-me um dia aqui neste estado; pobre mãe, pobre irmã; culpadas talvez de

alguma maneira, mas jamais tiveram ideias tão indignas quanto as minhas, pobre criança infeliz, que vinha trabalhar comigo no arado, que conduzia o cavalo, que já arava sozinho, estão aniquilados pra sempre, esses infelizes! Nunca mais reaparecerão.” (FOUCAULT, 2013, p.147-148).

Durante o mês que decorreu do crime até a prisão, as ideias de Pierre a respeito do crime que acabara de cometer mudaram mais de uma vez, sentiu remorso, desespero e resolveu se matar, pois a lembrança do crime era insuportável. Diante da ideia de que seu pai poderia ser acusado de cúmplice, viu a necessidade de encontrarem o seu cortejo, então decidiu se enforcar com um barbante que trazia no bolso, mas quando chegou o momento de executar a ideia o receio do julgamento de Deus o deteve e depois disso resolveu se conformar com a situação.

“Ora cedendo ao sentimento que nos prende à vida, escondia-se no fundo dos bosques; ora, ao contrário, cansado da vida, desejava a morte, e procurava ser preso sem ter, no entanto, a coragem de se entregar.” (FOUCAULT, 2013, p.171).

Vendo que não poderia viver naquela situação de fugitivo, comendo raízes, ervas, bebendo água de riacho, resolveu que se entregaria à justiça. Pensou em dizer que estava arrependido e que havia cometido o crime, pois foi levado a isso por visões, nas quais anjos e os espíritos tinham mandado fazê-lo por ordem de Deus e que eles o levaria para o céu depois daquela ação.

Pierre foi reconhecido e preso. Após chegar a Vire pensou em contar toda a verdade, mas se deteve e continuou na ideia do crime ter sido mandado por Deus. No entanto, quando ficou a sós com um carcereiro resolveu contar toda a verdade, e quem teve de contar a verdade para o juiz foi o carcereiro, pois não conseguia, mas após a revelação da verdade dos fatos, Pierre ficou satisfeito e se aliviou de um grande peso que o oprimia. Então declarou todos os motivos que levaram-no a cometer o crime, foi instruído a colocar tudo no papel e foi assim que Pierre escreveu seu manuscrito. O manuscrito foi iniciado em 10 de Julho de 1835 na casa de detenção de Vire e concluído no mesmo local no dia 21.

Em um primeiro momento a justificativa por ter matado a sua mãe era que ela havia pecado perante a Deus e matou os dois irmãos por ficarem pecando em companhia de sua mãe. Depois dizia ter cometido o crime por ordem dos céus. Ainda assim, essas não eram as verdadeiras justificativas para o crime, Segundo Pierre em seu primeiro interrogatório, o verdadeiro motivo era:

“Foi para tirar meu pai de apuros que fiz aquilo. Quis livrá-lo de uma mulher má que o atormentava continuamente, desde que se casou com ele, e que o arruinava, que o levava a tal desespero que às vezes ele era tentando a suicidar-se, Matei minha irmã Victoire porque tomava partido de minha mãe. Matei meu irmão porque amava minha mãe e minha irmã.” (FOUCAULT, 2013, p.48).

Na época do crime, Pierre tinha 20 anos, é de pequena estatura, a testa é estreita e achatada, as sobrancelhas negras e arqueadas, sua cabeça está sempre inclinada para baixo, e o olhar oblíquo parece temer encontrar outro olhar e seu andar era entrecortado. É através de suas características físicas, segundo a teoria da criminologia da época que ocorre uma tentativa de explicação do crime. Segundo a medicina não foi encontrada nenhuma justificativa orgânica para o crime, visto que sua constituição é boa, sua saúde é excelente, come e dorme muito bem, nunca teve hemorragias, doenças de pele, nunca levou tombos em que batesse com a cabeça.

## 10 ANÁLISE

Pode-se constatar diante dos artigos estudados que há similaridades na dinâmica familiar de sujeitos que cometeram o crime de caráter parricida/matricida. Todos os autores partem do pressuposto da fantasia primordial do humano, assassinato do pai ou da mãe, ou seja, todos os parricidas/matricidas consumaram a passagem ao ato.

“O termo passagem ao ato tem sua origem na clínica psiquiátrica e refere-se a atos impulsivos, violentos e delituosos. Nesse feito, a passagem ao ato é entendida como uma destrutividade dirigida ao outro ou a si próprio.” (PINHEIRO, 2011, p.21).

Assim como Pierre usou de um impulso violento para matar sua mãe, seu irmão e sua irmã com uma foice, outros parricidas/matricidas tiveram o mesmo ato. Suzane Richthofen com a ajuda do namorado matou seu pai e sua mãe à paulada.

Na tese de Pinheiro (2011), “Três casos de parricídio: passagem ao ato em diferentes configurações psicopatológicas.” é tratado o caso de Conrado, Otto e Atílio. Conrado com 38 anos e há sete anos está detido, atentou com uma faca contra seu pai, sua mãe e sua avó, sua mãe foi a única sobrevivente, após descobrir que seus pais eram na verdade seus tios, em um primeiro momento de conversa Conrado já conta a psicóloga que o entrevista como descobriu o não dito familiar.

“Soube por outro irmão meu. Eu tinha 12 anos. Minha mãe me disse que não contou porque ficou com medo que eu fosse embora e não voltasse mais. Quando fui atrás da minha mãe biológica, ela não queria ver eu. Eu não queria ficar com ela, era só pra saber porque ela não quis ficar comigo. Mas toquei o barco para frente. Foi o que mais fez sofrer, por isso nunca contei pra ninguém. Mas por que esconderam a verdade? Não precisa esconder a verdade de ninguém.” (2011, p.31).

Através dessa fala de Conrado, pode-se perceber o quanto o não dito pode significar para um sujeito, pois não o deixa conhecer sobre sua origem. Conrado precisava saber os motivos de sua mãe biológica tê-lo abandonado e o porquê de seus pais adotivos não terem lhe contado a verdade. Aos seis anos de idade, por um descuido de sua mãe, Conrado caiu do berço e essa queda resultou em um distúrbio no cérebro. Sobre seu pai Conrado não fala muito, apenas que o mesmo fazia uso do álcool, o fato de seu pai fazer uso de álcool causava sofrimento a ele e a sua mãe, pois seu pai o incentivava a beber.

Assim como Pierre, Conrado também em sua infância se sentia tímido em relação as mulheres, no que difere de Pierre, Conrado teve relações amorosas e sexuais com mulheres, acaba se casando e se torna pai de uma menina, no entanto, sua filha falece com dez anos de idade. Conrado se vê como um sujeito bom, calmo e amoroso e não se recorda de ter sentido ódio no momento do crime. Conrado acredita que cometeu esse crime, pois estava sem a medicação

que tomava desde a sua queda do berço, no entanto, em nenhum momento esboçou sentimento de culpa.

“No dia do crime, eu fui pedir na farmácia e ele disse que em seis dias chegava – e já fazia sete dias que tava sem o remédio. O antidepressivo eu tinha, mas não o gardenal. Ai telefonei pra minha esposa e disse que ia fazer uma visita para minha mãezinha. Ela falou que tudo bem, pode ir. Aí peguei o carro e fui pra lá. Na hora que cheguei, cumprimentei meu pai. Minha mãe tava lavando roupa. Cumprimentei ela. Vamos tomar café? Vamos, Aí, é só isso que eu me lembro, porque quando voltei a si tava tudo ensanguentado. O que fiz dessa vez? Chorando, joguei a faca na pia, fui pra varanda e continuei a chorar. Matei todo mundo. Ai comecei a ouvir um choro longe, olhei pra frente e vi a minha mãe. Ai pensei, ela ta viva. Ué será que não matei? Eu esfaqueei meu pai, minha avó e feri minha mãe. Minha avó tava dormindo e minha mãe tava na cozinha e meu pai junto. Minha irmã tinha saído pra trabalhar.” (PINHEIRO, 2011, p.51).

Conrado aos 28 anos deferiu vinte e cinco facadas contra seu pai, dezessete contra sua avó e quatro contra a sua mãe. Conrado foi considerado réu primário e diagnosticado com doença mental não especificada.

Atílio tem 42 anos e está há quatorze anos detido por ter disparado um tiro mortal contra seu pai diante da ameaça paterna de deserção, Atílio e suas irmãs seriam expulsos do clã paterno. Ao longo de sua vida seus sentimentos em relação a seu pai eram ambivalentes, ora tinha amor e admiração ora tinha ódio.

Em relação a sua mãe, Atílio a caracteriza como uma mulher determinada, bondosa e esforçada. Já em relação a seu pai, Atílio dizia que ele era correto em relação aos filhos, no entanto, não era correto com a esposa, pois a traiu. Assim como Atílio sua mãe também nutria um ódio pelo marido e pelo fato de a trair tinha o desejo de matá-lo segundo Atílio,

“Meu pai sempre foi um homem rude, fechado. Não era muito de conversar, Lembro que eu gostava dele e de visitá-lo, mas nosso relacionamento não era bom. Ele era um homem bravo, batia em mim, sisudo, não conversava comigo, com os filhos em geral. Gostava dele como pai, mas ele repelia minha aproximação...Quando decidi mata-lo é porque queria me libertar dele, da pressão que ele exercia sobre mim. Após mata-lo, parecia que eu tava livre. Me senti livre da angústia que sentia.” (PINHEIRO, 2011, p.71-72).

Atílio só assumiu a autoria do crime após a punição jurídica. Atílio assim como Pierre e Conrado em nenhum momento sentiu culpa e arrependimento diante do acontecido. E assim como Conrado, foi casado, tem duas filhas e cometeu o crime aos 28 anos.

Otto está com 50 anos e aos 42 realizou o crime do matricídio. Cometeu o crime após a ausência da mulher com quem tinha marcado um encontro amoroso, fez a descarga de frustração na mãe. Otto revela que,

“Eu lembro que minha mãe brigava muito comigo e eu fiquei nervoso, mas um dia não aguentei mais. Uma vizinha quis namorar comigo e eu

fiquei esperando horas por ela e ela não apareceu. Fui pra casa e matei minha mãe.” (PINHEIRO, 2011, p.96).

Após cometer o crime, enterrou o corpo de sua mãe em um poço na sua casa. Otto perdeu o pai aos 12 anos de idade. Seu pai é caracterizado como um homem bom, protetor, que dava carinho e brincava com ele. A relação entre seus pais não era boa, seu pai agredia a sua mãe na frente dos filhos e as brigas eram constantes. Já a relação de Otto com sua mãe não era boa, achava que sua mãe era louca, por não querer que ele namorasse ou casasse.

Aos 30 anos de idade correu atrás dela com uma foice, mas não teve coragem de fazer nada. Otto também tentou matar sua irmã, por ser parecida com sua mãe, por isso ficou internado por um certo tempo, mas depois voltou ao convívio social. Segundo Otto à respeito do ato criminoso contra sua mãe,

“Foi um dia de noite, de lua, 10 horas. Ela tava deitada. Eu fui lá, peguei a chapa de carroça e dei na cabeça dela. Já tava deitada, mas não dormindo ainda. Eu tava na casa do vizinho, esperando namorada. Ela não veio. Eu queria muito namorar uma menina, ela não quis me namorar, eu fiquei nervoso e descarreguei minha raiva na minha mãe.” (PINHEIRO, 2011, p.107).

Assim como os demais Otto não revela sentimento de culpa e remorso. Segundo a autora, Otto e Atilio sofrem de esquizofrenia e Conrado de uma psicose epilética. Além disso, os três têm em comum o fato de terem usado armas que estavam disponíveis no momento do crime e de terem usado agressividade contra as suas vítimas.

“Em 20% dos casos analisados foi verificado que o parricida utilizou mais força que a necessária para matar (muitas facadas, pauladas) fenômeno denominado “overkill.”.” (GOMIDE, 2010, p.220).

Quando o sujeito faz uso de uma arma branca para realizar o crime, geralmente há mais impulso violento, pois a morte da vítima depende da força que se usa e esses impulsos são tão fortes que os golpes continuaram mesmo depois que a vítima veio a óbito, assim como nos revela a tradução da palavra “overkill”, que significa exagero.

Isso afirma a ideia de uma destrutividade dirigida à si próprio, pois é como se o sujeito que comete crime desse caráter estivesse mutilando algo que existe dentro dele e que deixa de existir junto com a morte da vítima, ou se o desaparecimento desse pensamento ou sentimento dependesse da quantidade de golpes para se extinguir.

Além de terem como similaridades o fato de terem usados atos impulsivos e violentos para cometerem crime de caráter parricida e matricida, os sujeitos eram homens entre vinte e trinta anos que ainda em sua maioria moravam com os pais (pai ou mãe) na época do crime.

“A distribuição de idade e sexo dos parricidas foi de 65% de adultos masculinos, 17% de adultos do sexo feminino, 8,7% de adolescentes

masculinos e 8,7% de adolescentes femininos.” (GOMIDE e PINHEIRO, 2011, p.220).

Na tese de Ferreira (2012) “Violência intrafamiliar e judiciário: Reflexões acerca do parricídio cometido por mulheres.”, a pesquisa foi realizada nas Varas do Tribunal do Júri da cidade de São Paulo. Dos 32 casos encontrados, há cinco casos, no qual as acusadas são as filhas da vítima.

“As histórias retratadas neste artigo desvelam a diversidade de posições que as mulheres parricidas adquiriram nos processos judiciais: elas mataram para se defender; induzidas por distúrbios mentais; e também para garantir interesses pessoais e vantagens materiais.” (FERREIRA, 2012, p.410).

Em alguns casos houve absolvição por legítima defesa, pois o ato criminoso está associado ao contexto de violência intrafamiliar praticadas pelo pai contra as acusadas e aos demais integrantes da família. Entre dois dos cinco crimes encontrados, o homicídio é contra a mãe, um é contra o pai e a mãe, no caso dos outros dois crimes, um é contra o padrasto e o outro contra o pai. O perfil das acusadas eram mulheres entre 18 e 32 anos. Como armas dos crimes foram usados, revólver, barra de ferro, picareta e porrete, geralmente o ato criminoso é consumado na casa da família.

Nos casos citados por Gomide (2010), Ferreira (2012), Pinheiro (2012) e Foucault (2013), nota-se que realmente, há acontecimentos comuns entre os parricidas, que são eles: negligência, abuso de autoridade, abuso sexual, uso de alguma substância por parte da vítima e do acusado, tentativa de proteção aos demais moradores da casa e a si mesmo ou alguma descoberta de traição familiar que envolve o seu nascimento. No caso citado em Foucault há uma tentativa de proteção específica ao pai. No entanto, diante do acusado ser uma mulher, surge no judiciário a questão do gênero feminino ser mais frágil e submissa ao poder masculino.

“Corrêa mostra que até nos casos em que as mulheres são autoras dos crimes, os operadores do Direito estrategicamente as colocam na posição de subordinadas e de vítimas, naturalizando a imagem da mulher como frágil e passiva, conduzindo-as para absolvições.” (FERREIRA apud CORRÊA, 2012, p.413).

Essa afirmação pode ser vista no caso de Suzane Richthofen, pois o advogado de defesa da acusada tenta manipular o júri, alegando que Suzane foi submissa às vontades do namorado, que se matassem os pais dela estariam livres do controle deles. Ou seja, segundo a defesa, Suzane só aceitou cometer o crime, visto que estava apaixonada e por estar apaixonada deixou-se seduzir pelo namorado.

Esse estudo nos revela que as vítimas faziam uso de álcool, eram ameaçadoras, não davam autonomia e liberdade, eram negligentes e violentos psicologicamente como sexualmente.

Alguns desses aspectos podem ser vistos nos casos citados, incluindo o do Pierre, tais como, defender a si mesmo e os demais da agressão, ter liberdade para namorar ou casar com quem escolhesse, ter maior autonomia, ser filhos de pais ou mães violentos e negligentes e alguma descoberta de “traição” familiar que envolve o nascimento do acusado. Além disso, a eliminação daquele que causa o transtorno para a família é visto como um alívio e seria a solução dos problemas.

“A família é idealizada como o lugar onde imperam as relações de amor e de solidariedade. Mas a realidade mostra que as relações familiares envolvem uma complexa dinâmica de relações de poder, competições e rivalidades, gerando conflitos e as mais diversas formas de violência.” (FERREIRA, 2012, p.405).

A partir desse estudo pode-se perceber que, existem aspectos comuns que envolvem a dinâmica familiar de Pierre Rivière com os casos citados acima. Tais como, competição, abuso de poder, rivalidade, autodefesa, defesa e proteção aos demais moradores da casa, viver uma família na qual, a agressão física é constante por parte de um dos genitores, a família tem um modelo hierárquico e totalizador e as brigas e discussões são constantes, além disso, em todos os casos as armas utilizadas estavam disponíveis na casa do acusado.

No entanto, além de existir elementos na dinâmica familiar que fazem com que o acusado queira livrar-se daquela situação e com isso fazem com que essa dinâmica familiar se torne justificativa para o crime, sendo um motivo manifesto e consciente, há também um impulso latente causado pelo inconsciente que só é revelado a partir de um estudo psicológico do caso. Contudo, pode ser visto em todos os casos que há um rebaixamento do superego, pois os sujeitos não sentem culpa ou remorso pelo ato criminoso cometido.

Além disso, Segundo Heide (2009, apud Gomide 2010, p.229) os sujeitos que cometeram o crime do parricídio, matricídio ou fratricídio, tem pouca probabilidade de matar novamente, pois a motivação do crime morre junto com a morte dos pais. Ou seja, o crime é apenas um modo do sujeito se livrar do agressor, seja ele, o pai, a mãe ou os irmãos. Essa afirmativa pode ser mostrada nessa passagem do livro,

“Depois de ter cometido o crime, Pierre Rivière não se apressou em fugir; saiu impassível e apresentou-se, com toda a calma e as mãos tintas de sangue, as duas pessoas às quais falou: ‘acabo de libertar meu pai, agora ele não será mais infeliz’, e caminhou em seguida tranquilamente, como se nada houvesse acontecido, sua foice gotejante de sangue.” (Foucault, 2013, p.32)

Há elementos no primeiro interrogatório de Pierre, que induz a afirmativa de que ele pensava que não seria punido pelo crime que cometera, pois estava certo de que aquilo era um favor que fazia a seu pai e a ele: “foi para tirar meu pai de apuros que fiz aquilo. Quis livra-lo de uma mulher má que o atormentava continuamente, desde quando se casou com ele.”. (Foucault, 2013, p.48).

A partir da análise dos aspectos inconscientes envolvidos no caso de Pierre, pode-se supor que, por ter sido cuidado pelo seu pai desde o seu nascimento pelo fato de sua mãe ter sido acometida por uma grave doença e por esse motivo não ter conseguido amamenta-lo, Pierre fica preso na relação dual com o seu pai, ou seja, é com Rivière que Pierre se identifica no estádio do espelho, Pierre se vê como uma extensão do pai, no qual nessa relação só existe os dois e os que tentam tira-lo dessa relação são seus rivais e devem ser eliminados, pois Pierre não quer perder seu objeto de amor.

Com isso, não há a inscrição do nome-do-pai, não houve confronto com a castração e não aconteceu a interiorização da lei que é passada pela entrada do terceiro e que forma o superego, pois não houve a entrada do terceiro para barrar essa relação entre Pierre e seu pai. A lei não foi interiorizada nem por Pierre e nem pelos membros de sua família, pois não havia alguém a quem todos devessem obediência e respeito, além disso, havia competição, abuso de poder, incesto emocional, os filhos presenciavam constantemente as brigas e xingamentos entre seus pais, ou seja, não havia uma consciência moral de que isso que os pais faziam era errado.

Pode-se perceber que Pierre fica preso na identificação com Rivière, pois até os oito anos de idade tinha a vontade de tornar-se padre (palavra que é originada da palavra pai). Ou seja, Pierre seria pai dos fiéis, uma forma sublimada de ser aceito socialmente por não ter mulher, pois em uma época de casamentos arranjados a única solução para não se casar seria essa.

Por ficar nessa relação dual com o seu pai, na qual não aconteceu a castração, Pierre não constitui seu superego que é uma instância psíquica herdeira do Complexo de Édipo, a qual coloca limites no sujeito, faz o ego sentir culpa e é onde está instaurada a ordem. É no superego que há as interdições parentais, não matarás seu pai e não dormirás com sua mãe. A partir disso, pode-se pensar que Pierre era dominado pelo seu ID, onde são guardadas as cenas infantis e antigas, é regido pelo princípio do prazer que não leva em conta a realidade e pela pulsão de morte que acarreta na destruição da atividade psíquica, a morte, o que no caso de Pierre o levou a cometer o suicídio.

Pierre em seu manuscrito só cita a sua idade apenas uma vez, quando desistiu de ser padre aos oito anos de idade. A partir disso, começa a contar somente as coisas que fazia, as brincadeiras que gostava, com quem gostava de brincar e o que gostava de ler. Já os elementos da sua primeira infância não são relatados em nenhum momento e por isso não se pode encaixa-lo em nenhuma saída do Complexo de Édipo, pois é através dos elementos da primeira

infância que se pode descobrir como Pierre se relacionava com seus pais e com seus irmãos.

## 11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar aspectos factuais, relacionais e inconscientes presentes na dinâmica familiar de um sujeito que comete um crime de caráter parricida e ou matricida. A partir desse estudo, foi possível pesquisar o crime do parricídio e matricídio em diversas culturas e em diferentes épocas.

A ilustração base desse trabalho foi o livro de Michel Foucault. “Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão.”, que trata de um crime ocorrido em 1835 na França, mas que foi comparado com outros crimes que ocorreram no Brasil no ano 2000. Apesar de serem distantes em questão de época e de continente, percebe-se alguns elementos em comum que ainda perpetuam em nossa sociedade.

Na época do crime cometido por Pierre Rivière, o crime do matricídio já era considerado como o pior dos crimes que alguém pode cometer, justamente por tratar de algo que é sagrado para a sociedade, causava espanto e uma necessidade de punição mais severa pela população e pelo judiciário. Assim como atualmente, os parricidas e matricidas, devem ser extintos da sociedade e devem receber penas mais duras que os demais criminosos, normalmente são sentenciados com pena máxima.

Além da punição severa ao criminoso parricida /matricida, há também uma necessidade do judiciário e da medicina em usar como justificativa para o crime algum transtorno mental, pois partem do pressuposto que indivíduos em sã consciência não matariam seus pais. No caso de Pierre Rivière, a medicina utilizada na época foi chamada para analisar o caso com o intuito de mostrar elementos presentes na vida de Pierre que demonstrassem sinais de doença mental e com isso culminariam como justificativa do crime.

Pelo fato do crime do parricídio e do matricídio envolver o imaginário dos demais, pois os pais são vistos como totens presentes na sociedade, devem ser amados, respeitados e intocáveis e por esse motivo é mais tolerável de aceitá-lo se o criminoso for visto como louco. Esse tipo de crime ocorre tanto em famílias com alta renda quanto em famílias com baixas condições. Ou seja, a condição financeira não é um pré requisito para o crime desse caráter, pois nos casos estudados, crime desse caráter ocorreu tanto em famílias tidas como ricas quanto em famílias pobres.

Assim como pôde ser percebido nesse estudo, o crime do parricídio ou matricídio revela aspectos negativos das relações entre pais e filhos originados de conflitos que resultam em assassinato e violência, sendo elas, abuso de poder, negligência, abuso psicológico, briga constantes entre os pais e uso da agressão física como forma de resolver a discussão.

Além disso, há outra similaridade entre os casos estudados, o fato de os acusados não cometerem mais nenhum tipo de crime, ou seja, a vontade de

matar cessa com a morte do pai ou da mãe e com isso percebe-se que além do relacionamento existente entre os acusados e as vítimas serem um dos motivos perceptíveis para o crime, há os motivos que não são tão perceptíveis assim, sendo eles os motivos inconscientes, que se tratando de sujeitos diferentes, que tem uma subjetividade não pode ser generalizado, pois cada um se constitui e passa pelo Complexo de Édipo de uma maneira singular dos demais, mesmo sendo algo universal.

Fazer esta pesquisa foi uma forma de me aproximar do tema que eu gostava desde quando entrei na faculdade, com ela consegui aprender, estudar e analisar diversos casos para poder chegar a uma conclusão. Além disso, sem esta pesquisa não teria conhecimento do livro ilustrativo. Pelo fato de não ter encontrado outros trabalhos em psicologia a respeito desse livro, tive que usar meus conhecimentos adquiridos nesses cinco anos de faculdade e nas atividades extracurriculares que participei, fazendo com que eu me superasse cada dia mais e me motivasse mais por ser um dos únicos trabalhos em psicologia sobre o tema.

Através desta pesquisa pude ter certeza que eu quero continuar estudando e trabalhando com a psicologia na interface com a justiça, que o motivo de eu ter escolhido psicologia por essa razão só aumentou e me aguçou ainda mais. Deixo como sugestão para os leitores que se interessarem por esta pesquisa que estudem a psicologia e o direito, pois ambos nos traz um conhecimento maior sobre o caso e nos faz enxergá-lo sob uma outra perspectiva. Psicologia e direito tem tudo para caminharem juntas, visto que uma complementa a outra e juntas pensam no indivíduo como sujeito com subjetividade que é inserido em uma sociedade e por isso também é fruto dela e não o vê apenas como um criminoso que cometeu algo errado e por isso deve ser punido.

## 12 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, S. J, M. A problematização Freudiana sobre o amor na dinâmica familiar: ressonâncias românticas? 2007.106. Dissertação (mestrado) – Universidade Católica do Salvador, Salvador, 11 de junho de 2007.

CASTRO, T. O pai, a psicanálise e a mitologia: Um estudo sobre a função paterna e suas configurações no mundo contemporâneo. 158. Tese- apresentada à faculdade de ciências e letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista. Assis, 2010.

COELHO, T. D, A. O parricídio na obra de Freud. Periódicos eletrônicos de psicologia, Salvador, vol.12.

FERREIRA, C. P, M. Violência intrafamiliar e judiciário: Reflexões a cerca do parricídio cometido por mulheres. Artigo, Amazônia, 400-429, 2012.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu [1913-1914]. In: \_\_\_\_\_. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p.20-191

FREUD, Sigmund. 1931, volume XXXIII.

FREUD, Sigmund. 1924, volume XIX.

FOUCAULT, M. Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão: Um caso de parricídio do século XIX apresentado por Michel Foucault. 2ª edição. Rio de Janeiro, 2013. 367.

GOMIDE, C. I, P. Abuso, negligência e o parricídio: um estudo de caso. [Editorial]. Revista da sociedade brasileira de psicologia, vol. 18, n 1, 219-230, 2010.

MAMELUQUE, C. M. A subjetividade do encarcerado, um desafio para a psicologia. Psicologia ciência e profissão. 620-631. 2006.

MALUSCHKE, J. N. Leis, transgressões, famílias e instituições: elementos para uma reflexão sistêmica. Psicologia: Teoria e pesquisa. Vol. 23. Brasília, 2007.

PACHECO, A. C. O complexo de Édipo e sua importância no diagnóstico e tratamento. 19 de Junho de 2009. 113. Dissertação apresentada ao programa de pós graduação em psicanálise, saúde e sociedade, Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, 2009.

PACHECO, A. R, F. O sujeito e a lei: uma contribuição ao diálogo entre a psicanálise e direito. Psicologia revista, São Paulo, vol.23, n.1, 109-127, 2014.

PACHUKANIS, E. B. Teoria geral do direito e Marxismo. São Paulo: editora acadêmica, 1988. 117.

PINHEIRO, N. P, D. Três casos de parricídio? Passagem ao ato em diferentes configurações psicopatológicas. 2011.206 f. Tese (doutorado em psicologia clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2011.

PIZUTTI, M. J. A constituição do sujeito na psicanálise. Monografia apresentada ao curso de psicologia, departamento de Humanidades e Educação, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Ijuí, 2012.

SOARES, S. M. O parricídio no direito brasileiro: Reflexos da condenação penal na esfera cível. Trabalho de conclusão de curso – Universidade Católica de Brasília, Brasília. 2013.

QUINET, A. A descoberta do inconsciente, do desejo ao sintoma. 4ª edição. Rio de Janeiro: Zachar, 2011. 157.